Master Negative Storage Number

OCI00047.01

Coutinho, Antonio R. da Cruz

Aventuras de Robinson Crusoé

Porto

1877

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00047.01

Control Number: BBI-8394
OCLC Number : 06901994
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 1
Author : Coutinho, Antonio R. da Cruz.
Title : Aventuras de Robinson Crusoé / escriptas por elle em uma ilha deserta e abreviadas livremente por Antonio Coutinho.
Imprint : Porto : A.R. da Cruz Coutinho, 1877.
Format : 32 p. : ill. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette.
Subject : Chapbooks, Portuguese.
Added Entry : Defoe, Daniel, 1661-1731. Robinson Crusoe.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/28/94
Camera Operator: KT

AVENTURAS

DE

ROBINSON CRUSOÉ

ESCRIPTAS POR ELLE EM UMA ILHA DESERTA

E ABREVIADAS LIVREMENTE POR ANTONIO COUTINHO



PORTO — EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO
RUA DOS CALDEIREIROS, 18 E 20

1877

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

Nasci no anno de 1632, na cidade de York, de uma boa e honrada familia. Meu pae teve um estabelecimento commercial em Hull, no qual adquiriu bastante fortuna; depois deixando o commercio foi viver em York, e alli desposou minha mãe, cujos paes tinham o appellido de *Crusoé*.

Eu era o terceiro filho, e meus paes não me mandaram para o commercio, nem aprender nenhum officio. Meu pae, apezar de já ser idoso, deu-me a melhor educação que lhe foi possivel, destinando-me para o estudo das leis: os meus projectos, porém, eram muito diversos dos que elle tinha, porque me dominava unicamente o desejo de embarcar e ver mundo; rebellei-me, por isso, contra as ordens de meu pae, e tornei-me ao mesmo tempo insensivel ás reprehensões e carinhosos pedidos de minha mãe e dos meus parentes, para que eu desistisse do meu intento.

Para evitar mais importunações de meus paes, a quem, apezar de tudo, estimava e respeitava muito, resolvi partir sem me despedir d'elles; e creio que as desventuras, que depois soffri, foram, sem duvida, o justo castigo de Deus ao meu mau procedimento para com elles, que tanto me queriam, e a quem eu, de certo, amargurei os ultimos annos da sua vida, privando-os da minha companhia.

Decidida a minha fuga da casa paterna, saí de York para Hull, aonde encontrei um meu condiscipulo e companheiro de infancia, que estava a partir para Londres em um navio de seu pae. Convidou-me a ir com elle, dizendome que a passagem me não custaria cousa alguma. Não consultei meus paes, nem d'elles me importei, para lhes dar noticias minhas; mas entregando tudo ao acaso, sem pedir a benção a meu pae, nem implorar o soccorro do Céo, metti-me a bordo do navio, que partia para Londres.

Aquelle dia, o mais fatal da minha vida, foi o 1.º de setembro do anno de 1651. Apenas o navio tinha saído do porto de Umber, principiou o vento a refrescar, e o mar a engrossar furiosamente. Como eu nunca tinha embarcado, apoderou-se ao mesmo tempo do meu corpo e da minha alma o enjôo e o terror, que me submergiram em uma afflicção, que não é possivel exprimir. Principiei então a ponderar seriamente o que tinha feito, e a lembrar-me que a justiça divina me castigava como a um filho vagabundo e desobediente. Durante estas reflexões continuava a tempestade a augmentar, e o mar agitava-se cada vez mais. A todos os instantes julgava que as ondas me submergiam, e sempre que o navio se abaixava, parecia-me que ia tocar no fundo do mar, para mais não surgir. No meio d'esta afflicção fiz voto muitas vezes que, se Deus me levasse a salvamento, nunca mais me embarcaria. Esta prudente resolução durou tanto como a tempestade, e ainda um pouco depois.

No dia seguinte diminuiu o vento, tranquillisou-se o mar, e eu principiei a habituar-me; dentro em pouco esqueci completamente as promessas feitas!

No sexto dia da nossa viagem o navio entrou na enseada de Yarmouth, e estavamos n'ella ha dois dias, quando se desenvolveu uma tão furiosa tempestade, que não foi possivel fugir-lhe. Dentro em pouco garrou a maior parte dos navios, indo uns sobre os rochedos, na praia, e sossobrando outros á nossa vista. O nosso navio era forte, e resistiu bastante tempo á furia dos ventos e das vagas encapelladas; mas por fim quiz Deus que elle tambem se perdesse, abrindo primeiro agua em tal quantidade, que fomos obrigados a deixal-o, embarcando em uma lancha.

Pensei então ser alli o meu fim. A lancha era pequena e saltava nas ondas, que parecia a casca de uma noz! Por fortuna, depois de grandes esforços dos marinheiros, que remavam como desesperados, aportamos á terra pouco depois de termos visto submergir o navio. D'aquella praia fomos a pé para Yarmouth, que era perto, onde nos fizeram bom gasalhado. Depois partimos para Londres. Alli, bem como pelo caminho, pensei seriamente se devia continuar nas minhas aventuras, ou voltar á casa paterna; e sendo isto o que devia fazer, foi por isso mesmo que o não fiz, tolhido com a ideia da vergonha que soffreria quando me vissem em casa em resultado da desgraça que havia tido. Como tinha algum dinheiro, e para fugir á tentação de voltar a casa, resolvi fazer uma viagem á costa de Guiné, cuja viagem me deu bom resultado, porque fui bem guiado pelo capitão.

Posso affirmar, que de todas as minhas viagens só esta me foi vantajosa, o que devi á boa fé e generosidade do meu amigo capitão; porque, além de outras vantagens, tive a de aprender menos mal a mathematica, as regras de navegação, a calcular a escala e rumo do navio, e a fazer as minhas observações. Em summa, adquiri os conhecimentos necessarios a um piloto, de modo que esta viagem me formou ao mesmo tempo marinheiro e negociante. N'esta viagem lucrei cinco arrateis e nove onças de ouro em pó, que me produziram em Londres duzentas e vinte e cinco libras. Este lucro inspirou-me vastos projectos, que foram mais tarde causa da minha completa ruina.

Pouco depois de chegarmos a Londres morreu o meu amigo capitão; mas não obstante tornei a embarcar para Guiné no mesmo navio, no qual foi por capitão o piloto que nos havia acompanhado na viagem antecedente. Quando estavamos nas alturas das ilhas Canarias topamos com um corsario marroquino que nos deu caça, e com o qual tivemos um combate rijo, que durou bastante tempo, porque o nosso navio tinha montadas doze peças, com as quaes respondiamos ás dezoito do corsario. Este, porém, vendo a nossa resistencia, conseguiu abordar-nos, e mettendo-nos a bordo quarenta homens, fomos obrigados a render-nos com perda de alguns mortos e feridos. O corsario levou-nos para Salé, d'onde era natural, e mandou os prisioneiros para o interior, ficando apenas commigo, por ser rapaz e lhe parecer apto para os trabalhos a que me destinava.

Nunca mais soube dos meus companheiros, e comquanto eu nunca perdesse da ideia o escapar-me d'aquelle captiveiro, dois annos se passaram n'elle sem que se me offerecesse occasião opportuna de realisar a minha tenção de fugir. O corsario e um parente empregavam-se muitas vezes na pesca, á qual eu ia e um rapaz, para remarmos e os ajudarmos. Embarcavamos em uma chalupa pequena, e n'ella nos apartavamos ás vezes mais de duas leguas da terra. Um dia, em que andavamos pescando, levantou-se de repente tamanha nevoa, que nos occultou a terra, apezar de a termos a um quarto de legua distante, e quando a nevoa levantou, estavamos a mais de duas leguas de distancia, e só com muito custo voltamos a terra. Depois d'este acontecimento, o capitão corsario resolveu nunca mais tornar á pesca senão na chalupa grande, que havia sido do nosso navio, e levar n'ella uma agulha e a bussola.

Este barco navegava com uma vela latina ou triangular, que passava por cima da coberta, que era muito baixa, e n'ella tinha o capitão além do espaço para dormir com um ou dois escravos, uma mesa e pequenos armarios proprios para metter provisões. Succedeu um dia que o meu patrão convencionou com dois ou tres mouros, que tinham alguma distincção n'aquelle logar, para sairem n'este barco a pescar e se divertirem, resolvendo levar não só provisões de bôca extraordinarias, mas tambem armas, polvora e balas, para o que podesse acontecer.

Como eu andava com o proposito de fugir na primeira occasião que se me offerecesse, metti surrateiramente em um falso da chalupa algumas garrafas de vinho, que tinham sido do nosso navio, um machado, alguma ferramenta de carpinteiro, pregos e cordas.

Estando a chalupa já provida e prompta para sair, veio ordem do meu patrão para que o seu parente, eu e o rapaz fossemos pescar, porque os convidados haviam resolvido deixar para o outro dia o divertimento da pesca. Em vista d'aquella ordem levantamos vela e a chalupa saiu de Salé, levando sómente o parente do meu patrão, eu e o rapaz, e fomos parar a uma legua de distancia para pescar; mas como alli não apparecesse peixe, navegamos mais outra legua, e então larguei o leme, e fingindo que queria pescar, cheguei-me ao mouro, descuidado da minha malicia, e lancei-o ao mar. O mouro, que era bom nadador, veio logo á tona da agua, e pediu-me que o recolhesse; ao que respondi que fosse nadando para terra, do contrario lhe disparava um tiro na cabeça. Elle não disse nada, e nadou para terra, onde é provavel que chegasse. Quanto ao rapaz, esse jurou que me seria fiel e me acompanharia para toda a parte: eu acreditei-o, e não me arrependi d'isso.

Depois d'isto, como o mar estava manso e o vento havia refrescado, naveguei de modo que no fim do dia seguinte estava seguramente a cincoenta leguas distante de Salé, para o sul. Durante cinco dias continuei no mesmo rumo até que o vento mudou para sul: então deixei de receiar os mouros de Salé, e resolvi tomar terra para fazer aguada. Avistei uma pequena enseada, onde desaguava um riacho, e para ella me dirigi no fim da tarde com tenção de desembarcar; ouvi, porém, tamanhos urros e bramidos de feras, que decidi passar a noite a bordo, para não ser victima dos leões ou tigres, que assim bramiam.

Passamos, eu e o rapaz, a noite com bastante médo de sermos atacados pelas feras, que chegaram até curta distancia da chalupa.

Felizmente veio o dia, e toda aquella alcateia de feras desappareceu; nós vimos então que a maré subia muito pouco pelo rio, em cuja foz estavamos ancorados, e que, quando a maré estava baixa, a agua era doce logo pouco acima da embocadura: enchemos as nossas jarras, e dando a vela ao vento, continuamos o nosso rumo, deixando esta paragem sem ter-

mos observado n'ella vestigio algum de creatura humana. Navegamos para o sul dez ou doze dias successivos, economisando muito as nossas provisões, que principiavam a diminuir, não tomando terra senão para fazer aguada. O meu projecto era poder chegar á altura do rio Gambia, nas vizinhanças de Cabo Verde, onde esperava achar algum navio europeu, pois sabia que todos os navios, que partem da Europa para Guiné, Brazil ou Indias Orientaes, arribam a este cabo, ou ás ilhas de Cabo Verde.

Depois de ter continuado o nosso rumo dez dias mais, como já disse, percebi que a costa era habitada, e vimos em dois ou tres logares alguns negros que estavam na praia para nos verem passar, e por isso naveguei junto da terra, para lhes poder fallar. Conservei-me a alguma distancia, e lhes fallei por acenos o melhor que pude. N'esta linguagem muda, entre outras cousas, pedi-lhes de comer: elles fizeram-me signal, que parasse o barco. Abaixamos a vela, e paramos. Dois negros correram pela terra dentro, e em menos de meia hora voltaram e nos trouxeram algumas provisões de legumes, que aceitamos com alegria.

As mulheres andavam nùas, do mesmo modo que os homens.

Com estas provisões despedi-me dos negros, dei á vela, e continuei o meu rumo para o sul durante onze dias, em cujo espaço me não importou tomar terra. De repente gritou o rapaz: *Senhor, senhor, eu vejo um navio á vela!* Olhei, e não só vi o navio, mas conheci que era portuguez. Depois de ter feito todos os esforços pelo alcançar, julguei que me não era isso possivel, e que desappareceria antes que podesse dar-lhe signal algum: mas quando eu principiava a desanimar, pareceu-me que nos tinham percebido com o oculo, e que apanhavam algumas velas, para nos dar tempo de ir ter com elles. Animei-me, e como tinha a bordo a flammula do corsario, suspendi-a em uma das cordas, para com este signal lhes dar a entender a nossa afflicção, e dei tambem um tiro. Observaram muito bem uma cousa e outra; porque me disseram depois que tinham percebido o fumo, ainda que não tinham ouvido o tiro. A estes signaes apanharam as velas, e tiveram a humanidade de me esperar, de modo que em perto de tres horas me avizinhei ao navio.

Perguntaram-me quem eu era; respondi-lhes que era inglez de nação, e que me tinha escapado da escravidão dos mouros de Salé. Receberam-me a bordo com tudo quanto me pertencia, muito generosamente. Bem se póde julgar a inexplicavel alegria, que sentiria, vendo-me por este modo livre de uma condição tão miseravel e tão desesperada, como tinha sido a minha. Offereci logo tudo o que possuia ao capitão do navio em prova da minha gratidão, mas elle declarou generosamente que me não queria receber nada: que, pelo contrario, tudo quanto eu tinha me seria entregue fielmente no Brazil, para onde elle ia. «Salvo-vos, me disse aquelle honrado homem, porque estimaria que me fizessem outro tanto, se eu estivesse nas vossas circumstancias; além de que, conduzindo-vos a um paiz tão remoto do vosso, como é o Brazil, morrerieis lá na indigencia, se vos tomasse tudo quanto tendes, o que equivalia a salvar-vos aqui a vida, para vol-a tirar lá. Não, não, senhor inglez, quero levar-vos unicamente por caridade, e essas cousas vos servirão para comprar com que viver lá e pagar a passagem para Inglaterra.»

Se este homem, que se chamava Antonio Tavares Coutinho, me pareceu caritativo nos seus offerecimentos, não se mostrou menos justo nem menos exacto em os cumprir, e tanto que não faltou a elles na menor cousa. Mandou recolher tudo, e me deu uma relação para em todo o tempo poder exigir a entrega, e tão exacta foi a relação, que até comprehendeu n'ella as tres jarras da agua. Emquanto ao meu barco, que era excellente, propoz-me que lh'o vendesse para uso do navio, e me perguntou quanto queria por elle. Respondi-lhe que désse por elle o que quizesse, e elle tão honradamente se portou, que me deu duzentos mil réis pelo barco. Além d'isto offereceu-me cem mil réis pelo meu rapaz: não aceitei, e dei-lh'o com a obrigação de que o capitão lhe daria carta de alforria no fim de dez annos, se elle se quizesse fazer christão. Debaixo d'esta condição entreguei o rapaz ao capitão, muito satisfeito, porque o rapaz approvava a minha decisão.

Tivemos uma navegação feliz até o Brazil, e no fim de vinte e dois dias chegamos á Bahia. Não me seria possivel elogiar dignamente a generosidade com que o capitão me tratou. Primeiramente não quiz receber cousa alguma pela minha passagem; e além d'isto ordenou que se me entregasse pontualmente tudo o que tinha a bordo, e me comprou quanto voluntariamente lhe quiz vender. Pouco tempo depois do desembarque, fui recommendado pelo capitão a um homem muito honrado, semelhante ao mesmo capitão, que tinha um *engenho*, isto é, uma plantação e uma manufactura de assucar. Vivi algum tempo em sua casa, e por este meio me instrui no modo de plantar e fazer o assucar. Ora vendo quão commodamente viviam estes cultivadores, e com que rapidez se enriqueciam, resolvi estabelecer-me e ser cultivador como os outros. Para realisar o meu intento tomei um grande terreno inculto, tanto quanto quiz, e para melhor o poder cultivar mandei vir de Inglaterra todo o dinheiro que lá tinha.

Tendo vivido perto de quatro annos no Bra-

zil, e principiando a ganhar consideravelmente, e a prosperar na minha nova plantação, não só tinha aprendido a lingua do paiz, mas tinha além d'isso contrahido amizade com os meus vizinhos de plantação e com os negociantes da Bahia, que era o nosso porto de mar: nas conversações, que tinha tido com elles, lhes havia muitas vezes fallado das minhas duas viagens á costa de Guiné, do modo de alli negociar em negros, e da facilidade com que se podia carregar o ouro em pó, dentes de elephante e outras cousas, tudo a troco de bagatelas, como espingardas, quinquilherias, facas, tesouras, machados, espelhos, e outras cousas semelhantes. Ouviam sempre attentamente o que eu dizia, e particularmente com relação á compra de negros, cujo commercio estava no seu principio, de modo que vinham poucos de Africa, e se vendiam por um preço excessivo. Um dia, que me achava em companhia de negociantes e proprietarios de plantações do meu conhecimento, fallei muito seriamente sobre esta materia, e tres d'estes proprietarios vieram a minha casa no outro dia pela manhã, e me disseram que vinham propor-me armar um navio para Guiné: que elles tinham plantações como eu tambem; e que lhes causava grande damno a extrema necessidade, em que estavam de escravos; que, como a vinda de escravos não era licita, por pertencer ao governo a sua venda, o seu projecto era fazer uma só viagem, desembarcar os negros secretamente, e distribuil-os depois pelas suas plantações: e, finalmente, se eu queria ir a bordo do navio, em qualidade de administrador, para tratar o que fosse concernente ao negocio na costa de Guiné, que na repartição dos negros teria eu uma parte igual á dos outros, e seria dispensado de contribuir com cousa alguma da somma necessaria para esta empreza. É certo que, apezar d'estas propostas me serem vantajosas, eu não as devia aceitar, por causa dos perigos que tinha a correr.

Não obstante as boas considerações que fiz sobre esses perigos, venceu-as o meu genio aventureiro, que fatalmente me arrastava para ellas.

Disse-lhes, pois, que aceitava as propostas, e que partiria de muito boa vontade, se elles me arranjassem um socio que se encarregasse do governo e cultura da minha plantação e engenho, durante a minha ausencia, o que elles conseguiram, apresentando-me como socio o segundo feitor da fazenda de um dos meus vizinhos, homem activo e honrado, chamado Manoel Gonçalves Ribeiro, ao qual dei as instrucções necessarias e o interesse de um terço em todos os lucros, devendo entregar as duas partes, que me pertencessem, ao meu amigo capitão Antonio Tavares Coutinho, a quem nomeei meu testamenteiro e herdeiro da minha terça, indicando-lhe no testamento o que devia fazer se eu fallecesse.

Estando o navio armado e carregado conforme tinha convencionado com os meus associados, dirigi-me para bordo, por minha infelicidade, no dia *primeiro de setembro* de 1659, que era o mesmo dia, em que oito annos antes me tinha embarcado em Hull, como rebelde ás ordens de meus paes. O nosso navio era de cento e vinte toneladas, levava quatro peças de artilheria e quatorze homens, comprehendendo n'elles o capitão e eu. No mesmo dia em que fui a bordo, demos á vela, dirigindo o rumo para o norte ao longo da costa, com o projecto de voltar para a Africa quando chegassemos a dez ou doze gráus de latitude septentrional.

Quando chegamos á altura do cabo de Santo Agostinho, mettemos-nos ao largo, e perdendo logo a terra de vista, continuamos para o nordeste; andando n'este rumo uns doze dias de navegação, levantou-se um furacão tão violento, que nos desorientou inteiramente, e de sorte que, durante doze dias successivos, não fizemos outra cousa senão obedecer ás ordens do destino e ao furor dos ventos. Em todo este tempo ninguem esperava escapar, morrendo-nos tres homens, que o mar levou. No fim dos doze dias, que o vento diminuiu, fez o capitão um calculo o melhor que lhe foi possivel, e achou que estava quasi em onze gráus de latitude septentrional; mas que havia uma differença de vinte e tres gráus de latitude ao oeste do cabo de Santo Agostinho: de sorte que o nosso navio tinha sido arrojado para a costa da Guiena, ou parte septentrional do Brazil, da outra parte do rio das Amazonas, declinando para o Rio Grande. O navio estava muito maltratado, e fazia muita agua: por esta razão julgamos prudente navegar para a Barbada, d'onde esperavamos fazer a viagem da costa de Africa, depois de nos provermos e concertar o navio. Com este designio mudamos de rumo, e tomamos o cabo Norte, para podermos arribar a alguma das ilhas habitadas pelos inglezes, onde esperavamos ser soccorridos, porque estando na latitude de doze gráus e dezoito minutos, fomos acommettidos por outra tempestade, que nos levou, com a mesma impetuosidade que a primeira, para o oeste. Estando n'esta extremidade, e assoprando o vento sempre com violencia, ao amanhecer gritou um dos nossos marinheiros, que via terra. Apenas tinhamos saido da camara para ver o que era, deu o navio sobre um banco de areia, e cessou de repente o seu movimento: as ondas entravam n'elle com tanta precipitação, que julgavames a morte inevitavel, e nos agarravamos á amurada do navio, para nos abrigarmos do furor das ondas.

Não é facil representar a consternação da alma, que se experimenta em semelhantes casos, a quem nunca se achou n'elles. Nós não

conheciamos aonde nos achavamos, nem se a terra era ilha ou continente, se era habitada ou deserta. Como o furor dos ventos, ainda que já um pouco diminuido, era ainda muito grande, não podiamos esperar que o navio ficasse muitos minutos sem se fazer em pedaços, a não ser que, por um milagre, não sobreviesse uma calmaria. Finalmente, estavamos immoveis, olhando uns para os outros, esperando a morte a todo o instante, e preparando-nos para a eternidade.

Tinhamos a bordo uma chalupa, mas não sabiamos como a lançar ao mar: não havia comtudo tempo a perder, porque julgavamos que o navio se ia despedaçar, e alguns diziam que já tinha principiado a destruição d'elle. Então o nosso piloto e a equipagem pegaram na chalupa e a lançaram ao mar: entramos todos n'ella, que eramos onze pessoas, encommendamo-nos á misericordia divina, e abandonamos o navio ao furor das ondas. N'esta occasião é que o perigo era temivel e evidente, porque viamos claramente que o mar estava tão grosso, que a nossa chalupa não lhe poderia resistir, e infallivelmente seriamos submergidos. Pozemo-nos a remar com toda a força para chegar a terra; mas com os semblantes consternados como pessoas que iam para o supplicio.

O vento impellia-nos para a terra, e nós remavamos com toda a força, de sorte que á proporção que nos avizinhavamos da terra, ella nos parecia mais temivel que o proprio mar. Depois de ter remado, ou para melhor dizer, divagado por espaço de legua e meia, segundo a conta que fizemos, vimos vir correndo com violencia á nossa pôpa uma onda furiosa semelhante a uma montanha; isto era annunciar-nos a nossa morte. Com effeito, a vaga arrojou-se sobre nós com tanta furia, que voltou repentinamente a chalupa, e separando-nos uns dos outros, apenas nos deu tempo de invocar o nome de Deus com uma só exclamação, porque, no mesmo instante, fomos todos submergidos.

Não ha palavras que possam exprimir qual era a confusão dos meus pensamentos, quando ia ao fundo da agua, porque ainda que eu nadasse muito bem, não pude comtudo desembaraçar-me de modo que podesse respirar, senão quando a onda me arrojou, ou, para melhor dizer, me levou muito perto da praia, onde se quebrou e me deixou quasi em sêcco e meio morto, por causa da agua que tinha engulido. Vendo-me mais perto da terra do que eu podia pensar, tive bastante acordo e respiração para me levantar, o melhor que me foi possivel, e caminhei para terra, de modo que a onda, que sobreveio, cobriu-me sim, mas não me levou. Restava-me dar alguns passos para pôr termo á minha carreira e tomar terra. Cheguei a ella finalmente, subi a um alto da praia, e assentei-me sobre a herva abrigado do insulto e furor das vagas.

Vendo-me já em logar seguro, levantei os olhos ao céo, e dei graças a Deus por me haver salvado a vida em um caso, em que poucos momentos antes parecia impossivel poder salva-la. Depois puz-me a reflectir sobre a sorte dos meus companheiros, que todos tinham morrido afogados. Voltei os olhos para o logar onde o navio tinha naufragado, mas o mar estava tão cheio de escuma e tão enfurecido, e além d'isto tão distante, que apenas o podia ver; n'esta consideração exclamei: Grande Deus! como é possivel que eu viesse a terra! Depois de ter consolado o meu espirito, como o permittiam as circumstancias em que me achava, principiei a olhar á roda de mim, para examinar o sitio em que estava, e o que me convinha fazer. Senti logo diminuir a minha alegria, e achei que o meu salvamento era de uma especie horrorosa, porque estava molhado, e não tinha vestidos para mudar; tinha fome, e não tinha que comer; tinha sêde, e não tinha que beber; estava desfallecido, e não tinha com que me fortalecer; até não via outra alternativa que não fosse a de morrer de fome ou ser devorado pelas feras: estas considerações fizeram-me tal impressão, que durante algum tempo corri por uma e outra parte da praia como doudo.

Aproximava-se a noite, e eu temendo que n'esta terra houvesse feras, resolvi subir a uma arvore que estava perto d'alli, na qual tencionava passar toda a noite; mas antes de subir, tratei de procurar agua para matar a sêde que me devorava, mas só a encontrei a um quarto de legua distante da praia, da qual bebi até me saciar, depois do que subi á arvore e me colloquei de modo que não caisse abaixo quando adormecesse. Como estava muito fatigado, adormeci logo, e dormi tão profundamente, que só acordei no outro dia, quando o sol já ia alto: o tempo estava claro, a tempestade tinha desapparecido, e o mar estava tão manso, que parecia um tanque de agua! Fiquei maravilhado, vendo que o navio, durante a noite, tinha sido trazido pela maré, do areal em que havia encalhado, para junto de um rochedo, que ficava a menos de um quarto de legua distante do logar onde eu estava!

Logo que desci da arvore, olhei para uma e outra banda da praia, e a primeira cousa que descobri foi a chalupa, que o vento e a maré tinham arrojado sobre a costa, na distancia de tres quartos de legua para a minha direita. Caminhei ao longo da praia o espaço que me foi possivel: mas achei um braço de mar entre mim e a chalupa, o qual tinha de largura quasi meio quarto de legua, de modo que voltei deixando por esta vez a empreza, porque os meus desejos se inclinavam mais para o navio, onde

esperava achar por então com que viver. Um pouco depois do meio dia estava o mar muito quieto, e a maré tão baixa, que podia avizinhar-me do navio de sorte que entre mim e elle apenas haveria a distancia de duzentos passos; e isto renovou a minha afflicção, porque via claramente que se tivessemos ficado a bordo teriamos escapado sãos e salvos, e eu não seria tão miseravel, vendo-me, como estava então, desfavorecido de toda a consolação e companhia.

Fazia então um calor excessivo: despi-me e lancei-me á agua. Mas quando cheguei junto do navio, achei mais difficuldade em poder subir a elle, do que a que já tinha vencido; porque, como o navio estava assente na terra e tinha fóra da agua uma grande altura, não tinha meio algum com que podesse subir a elle. Duas vezes o rodeei a nado, e á segunda percebi um cabo que pendia da pôpa, de modo que, depois de muita difficuldade, lancei-lhe a mão, e por este meio subi logo á coberta, na qual recebi as festas do nosso cão e dois gatos, que tinham escapado, mas quasi mortos de fome; depois vi que o navio estava arrombado, e que havia muita agua no porão; mas que, encostando o lado sobre um banco de areia firme, levantava a pôpa e tinha a prôa mettida bastante na agua. D'este modo a coberta estava inteiramente isenta de agua, e tudo o que ella continha estava sécco. Primeiramente achei que todas as provisões do navio estavam séccas, e que a agua não chegára a molhal-as: como tinha fome, fui á despensa, onde achei biscoitos, e puz-me a comer, occupando-me juntamente em fazer outras cousas, porque não podia perder tempo; ao cão e gatos tambem dei biscoitos, que os devoravam com sofreguidão.

Tinhamos a bordo muitas vergas, um ou dois mastros de joanete, que estavam de reserva, e duas ou tres vigas: resolvi lançar ao mar toda a madeira que não fosse demasiadamente pesada, para mais facilmente a mover, atando cada peça separadamente com uma corda. Feito isto, desci do navio, e puxando para mim a madeira, atei quatro páus juntos pelas duas extremidades, o melhor que me foi possivel, dando á minha obra a figura de uma jangada, e depois de ter atravessado algumas táboas sobre aquelles páus, vi que com facilidade podia andar por cima d'ellas, e que tinha sufficiente consistencia para poder supportar bastante peso. Tratei por isso de ver com que a carregaria, e como livraria a carga das aguas do mar; considerando bem o que me era mais preciso, tomei tres caixas de marinheiros, que tinha arrombado e despejado, e desci-as por uma corda sobre a jangada. Na primeira metti provisões, como biscoitos, arroz, queijos de Hollanda, alguma carne de porco, algum trigo do que serviria para nutrir as gallinhas, que havia muito tinhamos comido. Achei tambem muitas garrafas cheias de vinho umas, e outras de aguardente, que conduzi para a jangada.

Estando assim occupado, percebi que a maré começava a subir, ainda que socegadamente, e tive a mortificação de ver levar pela agua abaixo toda a roupa que eu havia deixado na praia. Este accidente obrigou-me a procurar vestidos, e com facilidade achei com que poder reparar abundantemente a minha perda. Depois desci á jangada a caixa do carpinteiro, que era para mim um thesouro, e duas pedras de amolar. O que desejava depois d'isto eram armas e munições. Havia na camara do capitão duas espingardas excellentes e algumas pistolas, alguns frascos de polvora, um barril de chumbo, e duas espadas ferrugentas, e conduzi tudo para a jangada. Sabia eu que no navio havia tres barris de polvora, mas ignorava o logar em que os tinha fechado o nosso artilheiro. Descobri-os finalmente, depois de ter revolvido tudo em cata d'elles: um estava molhado, e os dois sécos e bons, e os puz sobre a jangada. Julguei então estar abastecido de sufficientes provisões: restava-me sómente o cuidado de as poder conduzir á terra, porque não tinha nem velas, nem remos, nem leme, e a menor viração que sobreviesse poderia submergir toda a minha carga. Por fortuna achei dois remos meio quebrados e pertencentes á chalupa, que me serviram de reforço, e duas serras e dois martelos (além do que estava na caixa do carpinteiro), que tambem puz na jangada.

Depois de tudo isto metti-me ao mar: vogou a jangada excellentemente o espaço de um quarto de legua; mas a corrente desviou-me um pouco do logar onde antecedentemente tomára a terra, e levou-me para uma pequena enseada, onde desembocava um riacho estreito, pelo qual acima me foi levando a maré com força; indo assim vi uma revessa, e para ella conduzi a jangada com muito trabalho e difficuldade, avizinhando-me tanto da margem, que o fundo da jangada tocou na areia, que alli era plana. Para que a corrente da maré, quando baixasse, não arrastasse a jangada outra vez para o mar, espetei o remo na areia, e encostado a elle empreguei toda a minha força para obstar a que a corrente a levasse; dentro em pouco baixou a maré, e quiz Deus que a jangada ficasse muito direita pousada na areia e em sêcco, o que foi uma fortuna, porque se tombasse, tudo cairia na agua, e eu ficaria completamente desgraçado.

A primeira cousa que fiz depois de estar a jangada em sêcco, foi ir reconhecer o paiz, e procurar um logar proprio não só para minha habitação, mas tambem para guardar as provisões. Ainda ignorava se este terreno pertencia ao continente, ou a alguma ilha; se era ha-

bitado, ou deserto; e se devia ou não temer as feras. Havia a pouco mais de um quarto de legua do logar em que me achava, um môrro altissimo e ingreme, que parecia levantar-se acima de outros mais distantes. Peguei em uma das espingardas e em uma pistola, com um frasco de polvora e um saquinho de chumbo, e assim armado fui descobrir campo até o alto d'esta montanha, onde cheguei depois de muitas fadigas: então é que vi quanto era infeliz o meu destino, pois reconheci que estava em uma ilha, sem poder descobrir outras terras mais que alguns rochedos e duas pequenas ilhas menores que esta e a bastante distancia d'ella.

Achei mais que a parte da ilha, em que estava, era esteril, e tinha toda a razão para crer que n'ella não havia habitantes, só se fossem animaes ferozes; comtudo não via algum, mas sim quantidade de passaros.

Depois voltei á jangada, e trabalhei até de noite na sua descarga, a qual estava toda feita quando tornou a chegar alli a seguinte maré. Para passar a noite com segurança fiz uma trincheira com as caixas e táboas, que tinha conduzido para terra, e formei com ellas uma especie de cabana.

Ao outro dia, e durante mais dez, voltei ao navio com a jangada, e fui e vim sempre com tal fortuna, que no fim d'aquelles dias havia trazido para terra tudo quanto o navio tinha e um homem só era capaz de conduzir, empregando o seu maior esforço e vontade.

Depois de ter tudo em terra lembrei-me de construir um monumento que lembrasse a minha chegada áquella ilha, e para isso fiz uma cruz de madeira, que espetei com toda a segurança no logar onde tomei terra, na qual gravei como pude, com um dos ferros do carpinteiro do navio, a seguinte inscripção: CHEGUEI A ESTA ILHA EM TERÇA FEIRA 30 DE SETEMBRO DE 1659, e para não perder o conhecimento dos dias da semana e domingos, transcrevi em uma folha de papel o mesmo que havia gravado na cruz, e por baixo escrevi: *Outubro* 1 quarta feira — 2 quinta — 3 sexta — 4 sabbado — 5 *domingo*, — e assim por diante, em columna de alto a baixo, como eu fazia no diario de bordo, quando fui piloto; e para me não atrazar, quando chegou o mez de fevereiro de 1660 acrescentei-lhe um dia, fazendo com elle o 29 do mez, por ser anno bissexto; e o mesmo fiz de quatro em quatro annos, para a chronologia andar direita.

Depois de levantada a cruz pensei seriamente em obter uma guarida, que me abrigasse e defendesse ao mesmo tempo das feras e dos selvagens que viessem á ilha, se porventura me atacassem. Quando andava n'esta diligencia vi uma pequena planicie junto de um rochedo, cuja frente talhada a pique semelhava a fachada de uma grande casa, de modo que a sua subida e descida por aquelle lado era impossivel. Na fachada do rochedo, junto á terra, havia uma pequena cavidade, da qual então não fiz caso algum: e sobre a esplanada, justamente na parte opposta á fachada do rochedo, é que resolvi construir a minha habitação. A planicie teria cento e cincoenta braças de largura e trezentas de comprimento, formando um campo que terminava declinando de todos os lados para o mar, e tinha a vantagem de ser abrigado das tempestades do sudoeste, e dos raios do sol até ao fim da tarde, por um alto môrro continuado por um monte mais baixo, que se dirigia para o interior da ilha. Poucas braças adiante do sitio aonde tinha resolvido edificar a minha choupana, nascia da rocha um fio de agua muito boa, que, formando um regatozinho, atravessava aquella planicie, sumindo-se depois na areia.

Antes de levantar a choupana tracei um meio circulo, comprehendendo vinte e cinco braças de comprido e dez na sua maior largura, entestando as duas pontas do meio circulo no môrro, que estava muito alto acima da planicie, ficando a nascente de agua dentro da estacaria que ia fazer. Na linha que formava o meio circulo espetei duas ordens de estacas de dez palmos de altura, bem entranhadas na terra e ligadas umas ás outras por meio de cabos do navio, preenchendo os espaços de meio palmo, que havia entre a estaca de diante e a de traz, com outras estacas de tres palmos de altura, com as quaes ficou a estacaria muito mais solida e duravel. Esta obra, fructo de muito tempo e trabalho, ficou tão forte, que nem os selvagens ou animaes ferozes poderiam forçal-a ou saltar por cima d'ella; e como as estacas enraizaram na terra, deitaram aquelles troncos grande numero de rebentões, que depois entrelacei pouco a pouco e de modo que formaram uma sebe tão fechada e grossa, que parecia uma parede, não se vendo nada de um para o outro lado.

Apezar d'estes trabalhos, não deixava de ir todos os dias á caça, para ter melhor alimentação. A principio só me appareceram passaros, mas ao quinto dia das minhas caçadas descobri duas cabras selvagens, porém tão ariscas, que só com muitos tiros e trabalhos é que consegui matar uma, da qual me sustentei durante alguns dias. Desde então ficou sendo a carne de cabra o meu principal alimento.

Quinze dias depois da minha ultima viagem ao navio sobreveio uma grande tempestade, que agitou o mar tão medonhamente, que parecia querer engulir a ilha inteira. As vagas eram enormes, e uma d'ellas, mais alta e medonha que as outras, pegando no navio como se fosse uma penna, trouxe-o pela praia dentro de modo que o deixou estatelado a umas pou-

cas de braças distante do mar! Eu nunca tinha visto cousa tão horrorosa; caí de joelhos, e levantando as mãos para o céo, pedi a Deus misericordia, permanecendo assim muito tempo quasi sem accordo!

O dia acabou sem que a tempestade findasse; felizmente foi acalmando durante a noite, e no dia seguinte apresentaram-se o céo e o mar tão serenos, que me pareceu maravilhoso!

Fui ver o navio, que se havia desconjuntado com o seu proprio peso sobre a areia, e d'elle ainda aproveitei dois barris de vinho e um de aguardente, que estavam intactos, ferros, cabos de diversas grossuras, caldeiras que levavamos para fazer o rancho aos escravos, e tres das quatro pequenas peças de bronze do navio, tendo a outra desapparecido, uma barrica grande com picaretas e outra com enxadas; e além d'isto fiz tambem grande provisão de pregos e cavilhas de ferro, barrotes e táboas, que me serviram de grande utilidade para construir a minha cabana dentro do recinto; de sorte que do navio pouco deixou de ser aproveitado por mim, o que eu acreditei ser devido á misericordia divina para commigo!

Antes de fechar o recinto com a estacaria procurei tornar maior uma pequena caverna que havia junto do rochedo, e tanto escavei, que a fiz muito espaçosa, lançando a terra e pedregulho, que extrahia, junto das estacas, para as fortalecer. D'aquella caverna fiz o meu armazem e celleiro, e para elle conduzi a polvora, que eram mais de duzentos arrateis, dividida em muitos saquinhos, e todos os objectos que desejava estivessem acautelados da acção destruidora do tempo.

Depois d'estes trabalhos comecei a edificar a minha cabana em frente da caverna e de modo que não só a occultava, mas tambem impedia que as chuvas penetrassem n'ella; para mais commodamente entrar na caverna fiz uma pequena porta de communicação. A minha cabana estava encostada ao rochedo, e era pouco larga e bastante comprida, e dividi-a de modo que a cozinha ficou a pequena distancia da nascente da agua, e o mais afastada que me foi possivel da caverna, para obstar a que houvesse algum incendio que, pegando na polvora, fizesse ir pelos ares o rochedo, esmagando-me nas ruinas. O tecto da cabana formei-o de táboas do navio, umas sobrepostas nas outras, para que as chuvas não entrassem; e como eram táboas salitradas foram de tanta duração, que nunca tive de reformar o telhado. Todos estes trabalhos, toscos, como eram, só terminaram no mez de julho do anno seguinte, de sorte que tratei de recolher tudo ao meu castello, como lhe fiquei chamando, antes que viessem as aguas do equinoccio do outono.

Depois de tudo recolhido vi que tinha muita polvora, balas, chumbo de munição; roupas e calçado que tinham sido do meu uso, do capitão e dos marinheiros; ferramentas de carpinteiro, machados, serras, verrumas, pregos, cavilhas, pás, picaretas; dez espingardas, seis pistolas, tres pequenas peças de artilheria de bronze, e cinco espadas curtas; dois rebolos de amolar, uma resma de papel almasso; louça, livros inglezes e portuguezes, pennas, tinta de escrever, facas, navalhas, garfos, espelhos, tesouras, agulhas, alfinetes, e outros objectos miudos, muitos dos quaes levavamos para trocar por escravos. Os objectos de ferro, que tinham sido molhados, estavam bastante enferrujados, mas eu tratei de os aproveitar, raspando-lhe a ferrugem e untando-os depois com azeite ou gordura sem sal extrahida das cabras selvagens, que tinha morto e comido. Das provisões de bôca é que tinha muito poucas, restando-me apenas quatro barris e algumas garrafas de vinho, tres garrafas de aguardente de cana, e cousa de duas arrobas de carne de porco. Os biscoitos, o assucar, arroz, café, azeite e feijão, já se me haviam acabado, apezar do cuidado que tinha tido em os poupar, de sorte que já me alimentava havia mezes sómente com carne de cabras selvagens, que por serem muito ariscas me davam grande trabalho para as matar a tiro, e tambem comia bananas e côcos do mato, quando os havia.

No dia 10 de setembro, quasi um anno depois que alli chegára, tinha já tudo recolhido no meu armazem, na choupana e no cercado, e eu desde esse dia fiquei definitivamente installado no meu castello com os meus gatos e o cão, que me fazia excellente companhia quando ia á caça e em casa. Tratei então de fechar e concluir a estacaria, pondo-lhe por fim uma porta grossa e chapeada com arcos de ferro, na qual colloquei uma das melhores fechaduras que havia salvado do navio, e trancas fortes.

No dia 20 começaram as tempestades do equinoccio, e as chuvas tornaram-se torrenciaes de modo que rarissimas vezes podia saír do meu castello para ver se matava alguma cabra que me servisse de alimentação.

Á proporção que se passava o tempo ia-se-me o espirito acostumando pouco e pouco a supportar aquella minha desgraçada condição, e até já tinha perdido o costume de olhar para o mar, a fim de ver se descobria algum navio!

Uma das cousas que me mortificava mais era não ter com que me alumiar de noite, de modo que me deitava logo depois de escurecer; felizmente lembrei-me de fazer velas com a gordura das cabras, e consegui isso do modo seguinte: puz ao alto e com a parte mais estreita para cima um pedaço de tubo, que tinha servido na bomba de tirar agua das pipas, tapei-lhe o fundo, e metti pelo meio do canudo abaixo um cordel delgado, que obtive destorcendo uma

corda, e quando a gordura estava derretida deitava-a dentro do tubo, e assim que tinha arrefecido voltava o canudo e saía uma vela tosca, mas que alumiava soffrivelmente, e muito mais para mim, que não podia ter velas melhores.

Durante o tempo das chuvas fiz tres escadas de madeira, sendo a primeira para chegar a uma esplanadazinha que havia no meio do môrro, a segunda para collocar n'essa esplanada e subir por ella até ao cimo do môrro, d'onde podia observar, sem ser visto, tudo quanto se passasse no mar e em grande extensão de terreno da ilha; e a terceira escada reservei-a para, em caso de necessidade, poder saír do cercado por cima da estacaria e em qualquer parte d'ella, se me não conviesse abrir a porta.



Quando em agosto andava arrumando no armazem e na minha choupana o que havia salvado do navio, encontrei um saco com trigo, arroz com casca e outros grãos, com que em tempo tinhamos alimentado as gallinhhas no navio, mas tudo tão picado, que me pareceu roído dos ratos; e não me servindo de nada n'aquelle estado, tratei de aproveitar o saco, despejando aquellas cascas pouco adiante da minha cozinha, e nem mais me lembrei d'isso. Passadas as chuvas do outomno, de que fallei, notei que tinham nascido alli muitas hervas, para mim desconhecidas, e ás quaes não dei importancia e até esmaguei algumas com os pés quando passava; mas dois mezes depois fiquei admiradissimo de ver que algumas d'ellas apresentavam já pequeninas espigas, emquanto que outras formavam canas de milho e feijoeiros! Assim que vi tudo aquillo senti uma grande alegria, como teria em outro tempo se me dissessem que tinha á minha disposição um milhão de libras! Nunca mais abandonei aquella minha seara, e tive grande pezar das plantas que havia esmagado. O tempo foi correndo, e cada uma das plantas ganhou o seu maior crescimento; conheci então que havia espigas de trigo, cevada, arroz, e algumas de milho, tendo quatro pés de feijoeiros com bastantes vages.

Eu estava contentissimo do que via, mas dentro em pouco conheci que estava em risco de ficar sem nada, porque alguns passaros começaram a devorar-me a pequena seara! Não hesitei; colloquei-me de sentinella desde pela manhã até á noite, e só depois de ter matado muitos com tiros é que logrei colher, no tempo proprio, o pouco que me deixaram. Ainda assim colhi um quartilho de trigo, um de cevada,

dois de arroz, dois de feijões, e uma canada de milho, que guardei com o maior cuidado para semeiar no seguinte outomno, antes do qual cavei e estrumei a terra, fazendo depois a sementeira, mas cada genero em seu pedaço de terra separado, na occasião em que principiaram as chuvas.

Os passaros, e alguns bastante grandes, não faltaram para me destruirem as ceâras, mas eu empreguei a mesma vigilancia do anno antecedente, e industriei os gatos, que já eram quatro, e o cão de tal sorte que, quando eu não guardava, vigiavam elles, que lhes não eram mais benevolos. Fiz as colheitas no seu tempo, e fiquei satisfeito com a quantidade, que reservei quasi toda para a futura sementeira, que foi feita, a de trigo, cevada e arroz, em todo o terreno que tinha circuitado, e a do feijão e do milho em um campo que lavrei da banda de fóra da estacaria; e não só colhi a quantidade necessaria para meu sustento durante o anno, mas ainda grandes sobras.

Como não tinha moinho, fiz um almofariz do tronco de uma arvore, e com um pilão feito de páu-ferro reduzia o trigo, milho ou cevada a farinha grossa, que peneirava depois por um panno de algodão, d'onde ella saía ás vezes muito imperfeita, e com a qual assim mesmo fazia excellente pão, amassando-a como tinha visto fazer a bordo dos navios, e cozendo depois a massa em cima de tijolos postos sobre brazas. O arroz tambem me servia umas vezes de pão e outras preparado como o vira fazer aos portuguezes no Brazil.

Tendo-se-me acabado o sal, construi na praia uma poça de dez varas de comprido e cinco de largo, e para que a agua se não escapasse forrei-a com barro vermelho, do qual havia abundancia junto da ribeira de que já fallei; e quando, depois d'isso, a maré encheu, deixei entrar a agua salgada na poça por uma especie de porta que lhe havia feito, cerrando-a cuidadosamente assim que a maré principiava a vasar, ficando a poça cheia de agua, que o sol quasi seccava em dois dias, e então tornava a deixar encher a poça, e fiz isto mais dez ou doze vezes, até que por fim tapei de todo a porta, e tendo o sol seccado completamente a agua, ficou uma camada de sal de bastante grossura, que não era tão branco como o da Europa, mas que me pareceu magnifico, pois havia bastantes dias que tudo quanto comia era ensosso e me nauseava.

Uma cousa que me ia faltando de todo era a pouca louça que havia trazido do navio, cuja falta se me tornava muito sensivel. Como havia muita abundancia de barro, julguei que me seria facil fazer d'elle alguns utensilios tanto para a cozinha como para outros mesteres, e metti mãos á obra; mas no fim de bastante trabalho só consegui fazer alguns pratos e tigelas tão achavascadas, que faziam rir. Depois de feitos os pratos deixei-os seccar bem ao sol e servi-me d'elles, mas para nada prestavam, porque se quebravam ao mais pequeno toque. Quiz Deus que eu pozesse um dos taes pratos sobre o brazido para o abafar, e com grande admiração minha vi no outro dia que o prato não só tinha mudado de côr, mas tambem se havia tornado muito rijo.

Reconheci então ser necessario cozer no lume todos os objectos de barro que fizesse, depois de séccos ao sol, o que fiz d'ahi em diante, collocando-os sobre uma fogueira durante o tempo que julguei preciso; mas vencida esta difficuldade appareceu logo o inconveniente de os liquidos traspassarem a louça, por não ser vidrada, para o que não vi remedio por mais que scismasse. Um dia, porém, tendo tido por muito tempo ao lume uma panella, em que tinha tido sal, com o fim de a enxugar da humidade, succedeu que, quando a tirei, estava como envernizada e por modo tal, que já não deixava saír os liquidos através do barro. Esta descoberta fez com que eu d'ahi em diante molhasse todos os objectos de barro em agua salgada e os pozesse sobre lume forte, depois do que ficavam com um verniz que parecia vidro.

A pesca tambem me occupava de vez em quando, e todo o peixe que apanhava, depois de o abrir e limpar, deitava-lhe sal e punha-o a seccar ao sol, cozinhando-o quando me parecia. Um dia, em que ia á pesca, vi na praia uma grande tartaruga, que foi um magnifico achado, porque lhe encontrei sessenta ovos, e a carne pareceu-me a mais deliciosa do mundo, comparada com a de cabra, que eu comia.

Pouco tempo depois fui acommettido por uma febre teimosa, que julguei me désse alli fim á vida; mas quiz Deus que eu me curasse em dois dias, inspirando-me que usasse do tabaco, como tinha visto fazer no Brazil, já defumando-me com elle, já tomando pequenas porções de rhum, onde havia demolhado uma folha.

Um mez depois da minha doença resolvi visitar a ilha com mais attenção. Fui primeiramente á pequena enseada, e caminhei ao longo do rio, e depois de ter andado quasi uma legua, achei que a maré não subia mais acima, e que a continuação do rio não era mais que um pequeno regato, cuja agua era muito boa.

Nas margens d'este regato achei muitos prados agradaveis, planos e cobertos de uma vegetação excellente. Estes prados elevavam-se insensivelmente á proporção que se afastavam do regato, e achei n'elles quantidade de tabaco verde, e muito alto. Vi muitas plantas que não conheci, e muitas canas de assucar, mas selvagens e imperfeitas, por falta de cultura. Contentei-me com estes descobrimentos por então, e voltei para o meu domicilio. No outro

dia tomei o mesmo caminho, e avançando um pouco mais do que na vespera, achei que o regato e os prados não se extendiam muito mais longe, e que o campo d'alli por diante era mais coberto de mato.

Aqui descobri muitas qualidades de fructas, e particularmente bananeiras, coqueiros e videiras; dos cachos, grandes e maduros, que pendiam das arvores, cortei quantidade, e seccando-os ao sol fiz passas como na Europa. Encontrei n'aquelle valle muitos algodoeiros, dos quaes colhi algodão em rama para fazer isca e outras cousas, dos cafezeiros (que tambem havia muitos) apanhei bastantes sementes, que depois torrei e moi, fazendo da farinha e agua a ferver tão bom café como o do Brazil, que eu tomava simples ou com leite de cabra.

Passei alli tres dias, dormindo de noite sobre uma arvore; no quarto dia pela manhã continuei o meu descobrimento, e caminhando para o norte andei quasi legua e meia, deixando atraz de mim uma cordilheira de montes. No fim d'este caminho achei-me em um terreno descoberto, atravessado por um regato de agua fresca, que saia de um outeiro d'alli vizinho.

Todo este paiz era assás viçoso, temperado e florido, muito semelhante a um jardim artificial, ao qual puz o nome de Valle do Paraizo. Vi alli gande quantidade de cacaueiros, laranjeiras, cidreiras, e limoeiros, todas selvagens. Colhi algumas laranjas, limões e cidras com tenção de as conduzir ao meu castello, e fazer com o sumo dos limões e cidras limonadas que me refrigerassem do calor.

Trabalhei muito, tanto no outro como n'este valle, a fim de colher os fructos de que queria fazer provisão para a estação chuvosa, que se aproximava. Passei tres dias n'este Valle do Paraizo, e na tarde do terceiro tratei de repousar um pouco, para me pôr a caminho a tempo de chegar ao meu castello ao anoitecer, por causa do calor, ou mesmo mais tarde, porque então fazia luar como dia; de repente, porém, foi interrompido o silencio, que alli reinava, pelo cacarejar de uma ave, semelhante ao que fazem as gallinhas quando chamam os pintainhos. Fiquei admirado, porque nunca tinha visto na ilha d'aquellas aves; mas d'ahi a pouco avistei, vindo do lado do mato, uma ave seguida de uns poucos de pintainhos, que piavam e andavam de uma para outra parte muito contentes. Aquella ave não era igual ás gallinhas da Europa, mas via-se que, apezar de ser selvagem, tinha bastante semelhança com ellas. Não me buli no sitio onde estava, e tratei de a seguir com a vista, para aproveitar a primeira occasião que tivesse de apanhal-a com toda a ninhada, o que seria para mim uma grande fortuna. A gallinha, depois de ter andado por alli muito tempo, dirigiu-se a final para o regato, na beira do qual se pôz a beber com os pintainhos, e em seguida metteu-se debaixo de uma cidreira anã, cujos ramos rasteiros, cheios de grandes folhas, a occultavam completamente. Com receio de vel-a fugir para o mato, onde me seria impossivel apanhal-a, resolvi esperar pela noite, e logo que ella esteve cerrada, dirigi-me á cidreira, levando um cesto que tinha feito toscamente para conduzir as fructas. Apartei a folhagem, e mettendo o braço agarrei a gallinha e metti-a no cesto, tapando-o em seguida, para ella me não fugir; depois apanhei pouco e pouco os pintainhos e colloquei-os ao pé da mãe; peguei no cesto, e segui jornada para o meu castello, aonde cheguei muito pela noite adiante, abrindo o cesto dentro da minha choupana.

No outro dia muito cêdo levantei-me, e apezar do pouco que se via correu a gallinha furiosamente para mim, atirando-me bicadas que por vezes me arrancaram o pêllo dos calções, socegando sómente depois de eu ter fechado um postigo, que deixou tudo ás escuras; agarrei-a então facilmente, cortei-lhe as pennas das azas e fechei-a no cesto, depois do que fui fazer um pequeno cercado de sebe junto da fonte, com um alpendre para ella se abrigar do sol e da noite, deixando na sebe uma porta para eu entrar. Depois trouxe para alli o cesto, tirei-lhe a cobertura e deixei no cercado a gallinha com a sua ninhada, que constava de quinze pintainhos. Vendo-se só arremetteu com raiva contra a sebe, e tentou voar por cima d'ella, mas não póde, porque lhe havia cortado as pennas das azas. Assim andou muito tempo desatinada de um lado para outro, até que lhe deitei algum trigo, milho e arroz em grão, que sendo vistos por ella, chamou logo pelos filhos, e comeram tudo com avidez; e assim lhe foi passando a furia, de sorte que no terceiro dia já vinha esperar por mim á entrada da sebe com o seu costumado *cró, cró, cró,* para que lhe désse mais trigo, milho e arroz!

Logo que tive em segurança a gallinha e seus filhos, tratei de voltar a Valle do Paraizo, para conduzir todos os fructos que tinha apanhado. Para facilitar a conducção levei um chibo que tinha domesticado, que, sendo como um jumento, podia trazer alguma carga; puz-lhe uma especie de almofada sobre o lombo e um cesto de cada lado, presos um ao outro como se fossem dois alforges, atei-lhe uma cordita no pescoço, e conduzindo-o por ella, lá fomos principiar a nossa tarefa. No primeiro dia trouxe eu as passas e o chibo bananas e laranjas; no segundo trouxe o chibo limões, côcos e cidras, e eu café em grão; no terceiro veio o chibo carregado de canas de assucar, e eu trouxe algodão em rama; e no quarto dia trouxemos tres laranjeiras, dois limoeiros, duas cidreiras, duas bananeiras, dois coqueiros, tres videiras e dois cafezeiros, e todas estas plantas

pequenas, porque as queria transplantar no meu castello, a fim de ter as fructas que dessem junto da minha porta. Depois recolhi no meu celleiro todos os fructos, e em seguida plantei as pequenas arvores que havia trazido nos logares que me parecêram mais abrigados, e d'ahi por tres dias principiou a estação das chuvas, que foi n'esse anno muito rigorosa e me não permittiu visitar a ilha durante mais de tres mezes.

Aquelle espaço de tempo occupei-o em fazer assucar, cestos e outras muitas cousas. A gallinha domesticou-se a ponto de vir comer á minha mão, e os pintainhos haviam crescido de modo que já tinha sete frangos e oito frangas tão mansos, que não fugiam, apezar de ter cortado as pennas das azas sómente a tres frangas e dois frangos. Fiz-lhes uma capoeira com páus atravessados para dormirem sobre elles, e por fim deixei-os andar á sua vontade em todo o cercado; antes de recolherem ajuntavam-se á minha porta piando muito, como se me dissessem que lhes désse trigo e milho, o que eu fazia, e elles se retiravam depois d'isso. Alguns mezes depois tive novas ninhadas, de sorte que nunca me faltavam gallinhas, ovos e frangos.

Fiquei tão encantado do Valle do Paraizo, pelos fructos e commodidades que offerecia a sua posição, abrigada das tempestades pelos montes que o rodeavam, que voltei lá no fim da estação chuvosa, e resolvi passar alli alguns dias, durante os quaes construi uma choupana no meio de um largo espaço de terreno, que cerquei em volta com uma estacada como a do meu castello, da qual fiz uma sebe, ligando as estacas com ramos, fazendo-lhe uma pequena mas segura porta, na qual puz uma das melhores fechaduras que tinha, como na minha casa do môrro. De dois em dois dias ia ver se os animaes que tinha no castello careciam de provisões, e depois de os abastecer voltava para Valle do Paraizo.

Tinha, pois, duas casas, uma á beira-mar, para vigiar a chegada dos navios, e outra no campo, para fazer a vindima e colheita dos fructos.

Pouco depois de acabadas as minhas novas fortificações, e quando principiava a gosar com descanso dos meus trabalhos, vieram as chuvas desalojar-me, forçando-me a voltar para a minha primeira habitação, para não saír d'ella tão cêdo. Passadas as chuvas, o que succedeu no mez de novembro, fui visitar a minha casa de campo, na qual, depois da ausencia de alguns mezes, achei tudo no mesmo estado, e tendo as estacas enraizado e rebentado, espalhavam os seus ramos por tão longe, que assombravam todo o recinto cercado pela sebe, tornando aquelle sitio delicioso pela frescura que produzia aquella densa ramagem.

Os ramos das arvores, de que fiz a estacaria da minha nova casa, parecêram-me tão flexiveis como se fossem de salgueiro ou vimes, e por isso cortei grande porção d'aquellas vergas, com as quaes fiz muitos cestos para differentes usos, quando estive recolhido durante a seguinte estação das chuvas.

Como estava na estação da sêcca, tratei de a aproveitar para continuar a minha visita pela ilha, que ficára interrompida pelas chuvas.

Antes de partir deixei grande quantidade de espigas de milho e trigo para as gallinhas, e peixe e bocados de carne assada para os gatos, que tambem apanhavam passaros quando queriam. Para a viagem levei a minha espingarda, um machado, o meu cão, e maior quantidade de chumbo e polvora, e alguns cachos de passas, que metti no meu saco, e puz-me a caminho. Depois de ter atravessado todo o valle, de que fallei, descobri o mar a oeste: e como o tempo estava muito claro, vi distinctamente a terra, mas não pude saber se era ilha ou continente: mas vi que era muito elevada, estendendo-se em comprimento de muitas leguas. Depois que avistei aquella terra enchi-me de tristeza e caminhei vagarosamente, pensando na minha triste sorte, que já durava ha tantos annos.

Este lado da ilha pareceu-me muito differente do meu: as campinas eram excellentes, todas as planicies viçosas e esmaltadas de flores, os bosques altos e densos. Vi uma quantidade de papagaios, e desejei logo apanhar um para o domesticar e ensinar a fallar. Cansei-me muito para este fim; mas finalmente sempre apanhei um ainda novo, que derribei com um páu; e levantando-o logo tive o cuidado de mettel-o no seio, e tanto o afaguei, que consegui tornal-o menos arisco, levando-o depois para casa.

Durante a jornada não caminhava mais de dois terços de legua por dia; mas fazia tantas voltas e torcicolos para ver se podia fazer algum bom descobrimento, que todas as vezes, que chegava ao logar que escolhia para passar a noite, estava cansadissimo. Logo que cheguei á praia, augmentou a minha admiração á vista d'esta costa da ilha. Tudo o que se apresentava aos meus olhos, me confirmava na opinião, em que estava, de que me tinha caído em sorte o peior logar da ilha. A praia, que eu habitava, não me tinha fornecido mais que tres tartarugas no espaço de tres annos e meio, ao mesmo tempo que esta, que contemplava, estava coberta de um numero infinito d'ellas. De tudo abundava este logar: havia n'elle passaros de muitas especies, uns que já conhecia, e outros cuja especie ignorava, mas a maior parte excellentes para comer.

Finalmente continuei o meu caminho ao longo da costa para a parte de léste, e creio que andei quasi quatro leguas: aqui puz uma

grande estaca espetada na praia, para me servir de signal, e voltei para minha casa, mas com muito vagar, supportando o calor, que era excessivo, e o peso da espingarda e munições, do machado e das provisões.

Não se póde imaginar a satisfação que tive vendo-me no meu antigo lar, e de poder descansar na minha cama. A viagem que acabava de fazer, sem seguir caminho certo durante o dia, sem retiro seguro para a noite, tinha-me cansado tanto para o fim, que a minha antiga habitação me parecia agora um palacio em que nada faltava. Tudo o que via á roda de mim me encantava, e resolvi não me ausentar jámais d'ella por tanto tempo, emquanto o meu destino me retivesse na ilha.

Os meus vestidos andavam já muito destroçados, e faltava-me tambem roupa branca; tive portanto de recorrer a essa pouca que havia trazido do navio pertencente aos marinheiros, entre a qual, felizmente, encontrei ainda duas duzias de camisas, jaquetas, calções e casacos, que era necessario ageitar ao meu corpo. Exerci, pois, durante algum tempo o officio de alfaiate, mas de um modo que faria rir as pedras se ellas me podessem ver. Fiz calções, jaquetas e ceroulas das fazendas de linho ou algodão que encontrei, e das pelles das cabras e bodes, que havia comido, fiz tambem vestidos completos, compostos de um chapéu de abas enormes, um grande barrete, um jaquetão largo e calções abertos, tudo com o pêllo para fóra, que me preservavam muito bem dos ardores do sol e da chuva, que os não penetrava.

Das cabras selvagens, que tinha conseguido apanhar vivas e domesticar, extrahia diariamente grande quantidade de leite, do qual, depois de muitas canceiras e trabalhos, consegui fazer manteiga e queijos, que eram excellentes, apezar da imperfeição com que os manipulava.

O casal de gatos, que trouxe do navio, tinha produzido de tal modo, que alguns dos filhos se tornaram gatos bravos; para impedir esta praga tratei de os matar a tiro, e assim me vi livre d'elles, e d'ahi em diante, de annos a annos, deixava ficar um casal novo e matava os que elle produzia, para obstar a que a ilha se povoasse de gatos bravos.

Havia já seis annos que eu estava n'aquella ilha sem nunca ter visto n'ella animaes ferozes, nem ter tido nenhum máu encontro com os selvagens, que de tempos a tempos visitavam varios pontos da ilha, para fazerem n'elles os seus festins de carne humana, retirando-se em seguida sem desconfiarem de que alguem vivesse na ilha. Eu era, pois, o rei pacifico de toda aquella ilha, e o senhor absoluto da vida e fazenda dos meus vassallos. Nos meus estados não havia tribunaes, juizes, cadeias, malfeitores, nem policia para os prender. Almoçava, jantava e ceiava como um rei, diante de toda a sua côrte; o meu papagaio, como se fosse o meu favorito, era o unico que tinha a liberdade de fallar collocado á minha esquerda; o cão, velho e impertinente, estava sentado á minha direita, e os meus dois gatos estavam cada um na sua extremidade da mesa, esperando que eu os brindasse com algum bocado de carne; era porém um reino que eu abandonaria de boa mente para viver em Inglaterra.

Apezar de terem passado tantos annos, ainda me não tinha abandonado a esperança de poder um dia saír d'aquella solidão, quer embarcando em algum navio que a Providencia alli conduzisse, ou em algum barco que eu fizesse e no qual me aventurasse a ir para a terra firme, que eu suppunha estar a quinze ou vinte leguas de distancia.

Dominado por este pensamento aproveitei o tronco de uma grossa e velha arvore, que havia sido derribada pelo vento, para fazer d'elle uma grande canôa; o páu, porém, era tão rijo, que a minha obra pouco adiantava e promettia levar annos a concluir, pela falta de ferramentas proprias para aquelle trabalho. Felizmente lembrei-me de empregar o fogo, e com elle fui pouco e pouco cavando o interior do tronco da arvore, aperfeiçoando-o depois com a ferramenta de carpinteiro, que salvára do navio. No fim de alguns mezes estava a canôa, que era muito grande, em termos de navegar, e eu tratei de guardal-a no cimo do riacho, bem amarrada em terra, para que a maré não m'a levasse, a fim de me aproveitar d'ella depois de lhe pôr um mastro que serviu para a vela da chalupa do navio, que eu conservava cuidadosamente no castello.

Poucos dias depois de ter concluido a canôa resolvi dar um passeio extenso pela beira-mar, na direcção do sul da ilha, e parti levando provisões para dois dias.

O meu modo de trajar, quando ia para mais longe, era o seguinte: um chapéu enorme de pelle de cabra com o pêllo para fóra, que parecia um guarda sol, caindo-me pelas costas meia pelle para me resguardar da chuva ou dos ardores do sol; jaquetão de pelle, bem como os calções, que me davam por baixo do joelho; sandalias nos pés cobertas de pelle, cuja sola era formada de muitos couros reunidos e cosidos uns aos outros; polainas de pelle cosidas ás sandalias e atadas ás pernas; e ás costas um cabaz feito de varas de salgueiro, onde levava provisões; espingarda a tiracollo ou debaixo do braço, pistolas á cinta e machado e serra ao lado. Quando levava barrete em vez de chapéu, usava então de guarda-sol, cuja armação imperfeita me havia custado muito tempo a construir de vergas de salgueiro, servindo-me de modelo outro arruinado, que salvára do naufragio. O meu semblante não estava tão queimado pelo sol como era de suppor, e a

barba, que a principio deixei crescer e chegou a ter dois palmos, cortava-a depois á tesoura, mas deixei em todo o seu comprimento o cabello que me nascia no beiço de cima. Como tinha navalhas, fazia ás vezes a barba defronte de um dos espelhos que trouxera do navio, e ficava depois d'isso com aspecto menos selvagem.

Vestido como acabo de dizer puz-me a caminho muito contente e bem disposto, mas teria andado obra de uma legua quando, de repente, estaquei, ficando como se tivesse sido assombrado por um raio! Tinha avistado na areia pégadas humanas, ainda frescas, e que denotavam ter por alli passado, havia pouco tempo, algumas pessoas!



Á vista d'aquellas pégadas assustou-me de tal modo, que me julguei quasi perdido e em poder dos selvagens. O pavor enfraqueceu-me as pernas a ponto de ser necessario sentar-me para não cair. Passados alguns minutos comecei a reanimar-me, pensando que talvez aquellas pégadas fossem de selvagens, que tendo vindo á ilha se houvessem retirado ha muito. Este pensamento, serenando-me um pouco, deu-me forças; levantei-me e retrocedi pelo mesmo caminho com tal pressa, que cheguei em breve tempo, meio morto de fadiga e susto, ao meu castello, cuja porta fechei e tranquei fortemente, temendo algum proximo ataque dos selvagens.

Quasi no fim da tarde sempre me animei a subir ao alto do môrro, para ver se descobria os meus inimigos; em terra nada observei que me fizesse crer a existencia dos selvagens na ilha; mas no mar, lá muito ao longe no horizonte, notei seis manchas negras, que, observadas pelo oculo que lhes dirigi, eram outras tantas canôas cheias de selvagens, que haviam estado na minha ilha, talvez bem perto do logar onde descobri as pégadas, celebrando os seus horriveis festins de carne humana. As canôas desappareceram em pouco tempo do alcance do meu oculo: quando desci do môrro já era noite fechada.

As considerações que fiz, sobre o perigo em que estive, de cair nas mãos dos selvagens, impressionaram-me de modo que veio o dia seguinte sem ter podido dormir nem um minuto!

Felizmente aquelle terror desamparou-me, e tendo-me no fim de poucos dias passado o susto, voltei a continuar os meu trabalhos fóra do castello, indo sempre bem armado para qualquer eventualidade, decidindo nunca mais voltar ás praias sem primeiro observer se n'ellas haveria selvagens, que quando vinham á

ilha era sempre para celebrar algum dos seus barbaros festins, retirando-se em seguida ao seu paiz.

Depois d'este acontecimento passaram-se alguns annos sem que visse selvagens, e durante todo esse tempo plantei um bosque em frente do entrincheiramento do meu castello para os selvagens não o descobrirem; alarguei as minhas sementeiras de trigo, milho, cevada e arroz no valle onde tinha a minha casa de campo; aperfeiçoei-me na feitura do pão, do queijo, da manteiga, e mesmo na arte de fazer objectos de barro, taes como panellas, jarros, bacias, potes, talhas, pratos, tigelas e cachimbos, que me serviam para fumar tabaco, do qual havia abundancia e muito bom por toda a ilha.

No Valle do Paraizo, onde estava a minha casa de campo, fiz um grande cercado com estacaria, no qual encerrei algumas cabras e um chibo, para ter gado que matasse para a minha sustentação, sem gastar polvora e chumbo nem soffrer grandes fadigas para os caçar, como me succedeu nos primeiros annos.

Para não beber sempre agua, procurei fazer cerveja como tinha visto em Inglaterra, e para isso deitava cevada de môlho em agua, na qual fermentava por alguns dias, passando-a depois a limpo. Não era como a ingleza, mas era uma bebida soffrivel. Tambem fiz vinho das uvas do valle da minha casa de campo, mas não me foi possivel obtel-o como o de Portugal e Hespanha, apezar de não ser desagradavel. Como desejava ter assucar apanhei muitas canas, que reduzia a massa batendo-lhe com um páu, recolhendo o sumo que escorria, em um vaso, no qual lançava depois a massa cobrindo-a em seguida de agua a ferver; quando esta arrefecia, espremia fortemente toda a massa, e punha ao sol o liquido que ficava até se evaporar toda a agua que continha, ficando no vaso o assucar crystallisado mas escuro. Sem ser bom era soffrivel para quem não o podia ter melhor; com elle fazia arroz doce como no Brazil e adoçava o café simples ou misturado com leite.

Nos domingos lia livros religiosos que me tinham mandado de Inglaterra para o Brazil e outros em portuguez, que havia salvado do navio. Durante as noites escrevia no meu diario o que tinha feito e visto durante o dia, mas muito em resumo, porque temia que se me acabasse o papel, como se me acabára a tinta havia annos, a qual foi substituida por outra feita de sumo de uns fructos muito amargos e negros que encontrei, e que fervia com alguns pregos de ferro, sem a obter preta como a outra.

Vivia satisfeito, apezar da minha solidão, e de tal modo me havia acostumado áquelle isolamento, que me considerava feliz se não fosse o constante receio que tinha de que os selvagens viessem perturbar a minha tranquillidade.

Estava a chegar o vigesimo anno da minha chegada áquella ilha, tempo das grandes tempestades. Uma noite acordei sobresaltado, por me parecer que tremia a terra, e não me enganei, porque senti o tremor novamente; fiquei aterrado e em um abrir e fechar de olhos saltei fóra da cama e da minha cabana, para que se desabasse, ou o rochedo a que ella estava encostada, me não esmagassem nas suas ruinas. Um novo tremor mais forte que os outros quasi me fez cair por terra, e senti um grande estrondo, como se algum pedaço de rochedo tivesse desabado. O terror que senti foi immenso, pondo-se-me os cabellos da cabeça tão direitos que pareciam espetos! Não sabia para onde fugir, porque ao mesmo tempo que o vento soprava tão rijo que parecia derribar todas as arvores, o mar bramia e rebentava na praia com tamanho estrondo e furia, que fazia crer que estava prestes a destruir a ilha engulindo-a nos abysmos! Santo Deus, nunca vi nem imaginei nada tão medonho como aquella horrorosa tempestade! Cai de joelhos e roguei fervorosamente a Deus pedindo-lhe misericordia, visto os poucos momentos de vida que me restavam para o poder louvar na terra antes de comparecer na sua presença. Assim resignado esperei ora a pé ora sentado pelo acabamento da minha vida.

Quiz Deus que os tremores de terra se não repetissem, e que o vento fosse acalmando de sorte que ao amanhecer estava a borrasca muito diminuida.

Tendo perdido o temor que antes tivera, entrei na minha cabana e nada encontrei derribado; depois fui á caverna que eu havia escavado e me servia de celleiro, e fiquei pasmado de a ver atravancada por um grande penedo, que se havia desprendido da rocha, e deixava ver a um dos lados uma estreita abertura que parecia ser de um subterraneo. Terminado o pasmo que me causou aquelle acontecimento, resolvi ir mais tarde examinar o subterraneo, o que fiz depois de jantar, levando as minhas pistolas carregadas e um machado á cinta, e alumiando-me com uma vela. Passada a estreita abertura, na qual me introduzi de ilharga, vi logo que o subterraneo era espaçoso e que descia suavemente, mostrando ser o resultado de algum terremoto e não obra humana, fazendo os raios da luz brilhar as paredes como se fossem laminas de ouro e de crystal.

Andando assim o comprimento de algumas varas, encontrei um largozinho semelhante a um grande salão, á esquerda do qual havia uma estreita abertura pela qual enfiei, caminhando depois menos á larga, porque o subterraneo se tornava cada vez mais baixo; a poucos passos de comprimento vi a luz do dia na

minha frente, e para lá me encaminhei, mas já bastante curvado e a ponto de que só de gatinhas pude chegar áquella abertura, pela qual saí uns tres palmos acima do terreno. Conheci então ser aquella abertura a mesma caverna, que eu notára quando ao outro dia do meu naufragio procurava um logar para fazer a minha habitação, e que o subterraneo atravessava o rochedo a que estava encostada a minha casa, com o que fiquei muito contente, porque me facilitava uma fugida no caso de não poder resistir aos selvagens que me atacassem. O subterraneo estava enxuto e mostrava que as aguas nunca tinham penetrado alli. Tornei a entrar no subterraneo, e tapei cuidadosamente aquella entrada, que só eu poderia abrir.

Nos dias seguintes tratei de aperfeiçoar a entrada do subterraneo, e do salão, que estava no centro d'elle, do qual fiz o meu celleiro, porque o antigo estava inutilisado.

Quinze dias depois repetiu-se outra tempestade menos temerosa, mas ainda assim violenta; á noite, quando estava para me deitar, ouvi um tiro de peça e pouco depois outro, que indicavam estar algum navio em perigo e pedir soccorro. Levantei-me, subi ao rochedo e n'elle accendi uma fogueira, que durou pouco tempo por causa do vento; ouvi ainda um terceiro tiro, e depois ficando tudo em silencio fui deitar-me. No dia seguinte vi com admiração, e a curta distancia da praia, um navio encalhado. Como o mar estava manso, tratei logo de lançar á agua o meu barco e fui remando até que cheguei ao navio em poucos minutos. O navio estava encalhado em umas pedras, que não appareciam á superficie do mar, tendo a proa muito mettida na agua. Subi á coberta e só alli vi um cão! Provavelmente a equipagem, vendo o navio perdido, metteu-se nas chalupas e afastou-se da ilha, por causa da arrebentação na praia, ou foi engulida pelo mar embravecido. O navio tinha seis peças de artilheria, e por alguns papeis que encontrei conheci ser hespanhol. Como a agua não o occupava todo, ainda encontrei sem avaria muitos objectos que trouxe para terra.

Assim que descarreguei o barco em terra voltei lá duas vezes e trouxe quanto encontrei, que me podesse ser util, e tambem o cão, porque o meu tinha morrido havia quatro annos, deixando-me muito sentimento.

Da praia levei tudo para o meu castello, em cuja conducção gastei alguns dias, e passando a examinar quanto trouxera, achei muita roupa branca, calções, casacos e jaquetas; grande quantidade de dinheiro em ouro e prata, e muitos brilhantes; muita quantidade de polvora e chumbo em balas e miudo; calçado; ferramentas de carpinteiro e pregos; espingardas e trabucos; dois barris com vinho e outros dois com azeite; garrafas com aguardente e genebra, e muitos outros objectos que seria longo enumerar.

Apezar do dinheiro e brilhantes me não servirem para nada, guardei-os para os restituir a seus donos, se algum dia saísse da ilha e lograsse saber a quem pertenciam.

Depois da perda do navio hespanhol passaram-se tres mezes sem me acontecer nada digno de relatar-se. Estava no mez de dezembro, em que fazia as minhas colheitas, e porisso saía antes do sol nascer para fugir ao calor. Um dia vi uma fogueira na praia da banda da minha habitação. O receio de ser surprendido pelos selvagens apoderou-se de mim e fez com que eu voltasse precipitadamente para o meu castello, e preparando-me para a defeza, carreguei todas as minhas espingardas e pistolas, resoluto a combater até ao ultimo suspiro, não me esquecendo de implorar a protecção divina; e n'esta resolução esperei o inimigo durante duas horas, muito impaciente de saber o que se passava fóra.

Não podendo soffrer mais tempo tão cruel incerteza, animei-me a subir ao alto do rochedo mediante as minhas duas escadas, e deitar-me na terra: servi-me de um oculo de ver ao longe, que pertencera ao piloto do meu navio, para descobrir o que se passava. Vi logo vinte e cinco selvagens inteiramente nus assentados em circulo, á roda de uma pequena fogueira, não para se aquentarem, porque fazia um calor excessivo, mas provavelmente para prepararem algum assado de carne humana de algum infeliz que tivessem trazido comsigo morto ou vivo; o que eu não podia saber. Tinham comsigo cinco canôas sobre a praia; e como então era maré cheia, pareciam esperar a baixa-mar para se embarcarem, o que tranquillisou um pouco a minha perturbação, e no entanto dansavam.

Succedeu justamente como eu tinha conjecturado. Logo que a maré principiou a descer, vi-os embarcar, forçar os remos, e desapparecerem. Assim que os vi embarcar saí com duas espingardas ás costas, duas pistolas á cinta, e o meu alfange ao lado, e, com toda a ancia possivel, descendo á praia, vi de novo os horriveis signaes da sua brutalidade, os quaes me fizeram conceber tanta indignação, que resolvi atacar os primeiros que encontrasse, qualquer que fosse o seu numero.

As visitas, que elles faziam á ilha, deviam ser mui raras, pois que se passaram mais de quinze mezes sem eu encontrar o menor vestigio d'elles. Vivi, porém, todo este tempo cheio de crueis sustos, de que não achava meios de me livrar. Continuava, todavia, sempre no meu humor sanguinario, e empregava parte dos dias em traçar o plano do meu ataque para a primeira occasião que se offerecesse, particularmente se achassem as suas forças divididas.

Com esta tenção não passava dia algum sem ir descobrir campo: mas não vi cousa alguma no espaço de dezoito mezes, não obstante ir em todo este tempo para aquelles logares da ilha que os selvagens mais vezes frequentavam. O trabalho que me causavam estas corridas inuteis, longe de me dissuadirem da minha empreza, e de moderarem a minha paixão, só serviram de a inflammar mais, e eu desejava agora tão ardentemente encontrar os selvagens, como antes os desejava evitar.

Finalmente, uma manhã vi sobre a praia seis canôas, cujos selvagens tinham já desembarcado, e eu não podia ver. Sabia que, ordinariamente, vinham cinco ou seis em cada barco, e por consequencia excedia o seu numero os limites das minhas forças. Que possibilidade podia haver para que um homem só batalhasse contra trinta? Comtudo, depois de ter estado irresoluto por alguns instantes, preparei-me para o combate, escutando com attenção se ouvia algum rumor, depois, deixando no cimo da escada as minhas duas espingardas, subi para o rochedo, d'onde vi, ajudado do meu oculo, que eram pelo menos trinta, e que tinham acendido lume para preparar o seu banquete, segundo o costume. Um instante depois vi que tiravam de um barco dois miseraveis para os fazer em pedaços. Um dos dois caiu logo em terra, derribado, segundo julguei, por uma pancada de uma maça ou de um alfange de páu, e no mesmo instante se lançaram sobre elle dois ou tres d'aquelles algozes, que lhe abriram o corpo, e prepararam todas as partes d'elle para a sua infernal cozinha.

A outra victima estava alli perto esperando a sua vez de ser sacrificada. Este infeliz, tendo-se desligado, concebeu naturalmente alguma esperança de salvar-se, e largou a fugir com toda a velocidade imaginavel direitamente para o lado da praia que conduzia á minha habitação. Confesso que fiquei bastante atemorisado quando o vi tomar este caminho, principalmente porque julgava que seria seguido por toda a tropa. Fiquei apezar d'isso no mesmo logar, e logo tive motivo para me socegar, vendo que só tres homens o seguiam, aos quaes elle levava grande dianteira, de modo que lhes devia escapar, se continuasse por mais meia hora a correr do mesmo modo.

Havia na praia, entre elle e o meu castello, uma pequena enseada onde o fugitivo necessariamente devia ser apanhado, excepto se a passasse a nado; mas quando chegou a ella não se embaraçou muito, e ainda que era preamar, lançou-se á agua e abordou á outra parte, depois do que tornou outra vez a correr com a mesma ligeireza que antes. Quando os seus tres inimigos chegaram ao mesmo logar, reparei que somente dois sabiam nadar, e que o terceiro, depois de ter parado por um pouco, voltou vagarosamente para o logar do banquete. Observei tambem que os dois gastaram em passar a agua o dobro do tempo que o seu prisioneiro tinha empregado. Então me convenci que era favoravel a occasião para adquirir um companheiro e um servo, e que evidentemente eu era chamado pelo Céo para salvar a vida d'aquelle miseravel. Persuadido d'isto desci precipitadamente do rochedo para pegar na minha espingarda e pistolas, e com o mesmo ardor me encaminhei para o mar. Não era grande o caminho que tinha para andar, e logo me lancei entre os perseguidores e o perseguido, procurando com os meus gritos fazer-lhes entender que parassem; fiz tambem signal com a mão, mas julgo que o fugitivo tinha tão grande médo de mim, como d'aquelles dois de que elle procurava escapar-se. Caminhei, comtudo, para elles vagarosamente; depois lançando-me arrebatadamente sobre o primeiro, derribei-o, dando-lhe com a coronha da espingarda na cabeça. Tanto que o segundo viu cair o seu camarada, parou de repente, como que espantado: continuo a caminhar direito para elle, mas vendo que elle armava o arco com a frecha, dei-lhe um tiro, que o estendeu morto no chão. O pobre fugitivo, assim que viu os seus dois inimigos incapazes de combate, ficou tão espavorido do fogo e do estrondo, que parou de repente sem se bulir do mesmo logar, e observei no seu ar perturbado mais desejo de fugir, do que de se chegar a mim.

Emfim, depois de lhe fazer varios signaes para que se aproximasse de mim e do modo o mais proprio a tranquillisal-o, elle veio, pondo-se de joelhos a cada dez ou doze passos, para me testemunhar o seu reconhecimento. Durante este tempo sorria-me para elle, a fim de o animar. Tendo emfim chegado junto a mim, deitou-se-me aos pés, beijou a terra, tomou um dos meus pés e o collocou sobre a sua cabeça, para me fazer comprehender, sem duvida, que me jurava fidelidade na qualidade de meu escravo.

Depois d'aquella ceremonia selvatica levantei-o, acariciando-o para mais o animar; mas a empreza ainda não estava acabada: vi logo que o selvagem, que eu tinha derribado com o couce da espingarda, não estava morto, mas que só tinha ficado aturdido: mostrei-o ao meu escravo, que logo que o viu pronunciou algumas palavras que eu não entendi, e que não deixaram de me encantar como o primeiro som de voz humana, que tinha ouvido no espaço de vinte e tres annos. O selvagem tinha já recuperado bastante força para se poder assentar, e o susto começou a apoderar-se outra vez do meu escravo; mas logo que me viu a ponto de descarregar sobre este miseravel, deu-me a entender com signaes, que desejava que eu lhe emprestasse o meu alfange, o que

lhe concedi. Apenas tinha lançado mão d'elle, lançou-se sobre o seu inimigo, e cortou-lhe a cabeça de um só golpe, tão depressa e com tanta destreza como o poderia fazer o mais habil carrasco. Depois de feita esta façanha, voltou a mim, saltando e rindo para celebrar o seu triumpho, e com mil gestos, cuja expressão eu ignorava, pôz aos meus pés o alfange e a cabeça do selvagem. Disse-me por signaes, que queria enterrar os dois mortos, para que por elles nos não descobrissem; permitti-lh'o, e em um instante fez duas covas, onde os enterrou um junto do outro.

Tomada esta precaução, levei-o comuigo. não para o castello, mas para a gruta que tinha na minha casa de campo, de que já fallei. Foi n'esta gruta que lhe dei a comer pão, uvas e agua, da qual tinha maior necessidade, porque estava muito sequioso por causa da fadiga de uma tão grande e penosa carreira: fiz-lhe signal que fosse dormir, mostrando-lhe um monte de palha de arroz com uma coberta, que me servia de cama.

Era um rapaz alto, bem desembaraçado, de vinte annos pouco mais ou menos: era perfeitamente bem organisado em todos os membros,



deitou-se-me aos pés, beijou a terra... (pag. 19).

e estes, sem serem muito grossos, mostravam que elle era agil e robusto: o seu aspecto era varonil, sem mistura alguma de ferocidade: pelo contrario, via-se nas suas feições, particularmente quando se ria, a doçura e agrado que são peculiares aos europeus. Não tinha os cabellos encarapinhados, mas compridos e pretos: a sua testa era grande e alta, os olhos brilhantes e cheios de viveza. A côr não era negra, mas muito trigueira, sem cousa alguma desagradavel, como a côr tostada dos habitantes do Brazil. Tinha a cara redonda, o nariz bem feito, a bôca excellente, os beiços delgados, os dentes bem ordenados e brancos como marfim. Depois de ter dormitado meia hora, despertou, saiu da gruta e veio correndo para mim, que estava alli perto ordenhando as minhas cabras; lançou-se-me aos pés com todos os signaes de uma alma verdadeiramente agradecida, renovou a ceremonia de me jurar fidelidade, pondo o meu pé sobre a sua cabeça; em uma palavra, fez todos os gestos imaginaveis para me exprimir o desejo que tinha de se sujeitar a mim para sempre. Eu entendia a maior parte dos seus signaes, e fiz quanto pude para lhe dar a entender que estava contente com elle. Baptisei-o com o nome de *Sexta Feira*, em memoria do dia em que o libertei dos sel-

vagens. Dei-lhe depois leite em uma tigela: eu bebi primeiro, e molhei n'elle o pão, o que elle imitou, e me deu a entender que gostava.

Fiquei com elle na gruta, toda a noite seguinte, mas logo que amanheceu dei-lhe a entender que me seguisse, e que lhe daria vestidos, o que me pareceu alegral-o, porque estava totalmente nu. Passando pelo logar em que tinha enterrado os selvagens, mostrou-m'o, fazendo-me signal que era necessario desenterrar estes corpos, e comel-os. Então me revesti de um ar encolerisado, signifiquei-lhe o horror que me causava semelhante pensamento, fingindo que vomitava; e lhe ordenei que caminhasse, o que elle fez com muita humildade.

Chegados ao meu castello, levei-o ao alto da eminencia, para ver se os inimigos tinham partido, e servindo-me do meu oculo, não descobri mais que o logar onde tinham estado, signal certo de que se tinham embarcado. Ainda não estava satisfeito com este descobrimento; e achando-me agora mais animado, e por consequencia com mais curiosidade, levei commigo o meu escravo, armado com a minha espada, arco e frechas, que haviamos tomado aos selvagens, fiz-lhe levar um dos meus arcabuzes: levei eu mesmo dois, e d'este modo marchamos para o logar do banquete. Quando chegamos a elle, o meu sangue se gelou horrorisado com o espectaculo, o que não fez o mesmo effeito sobre *Sexta Feira*: todo o logar estava coberto de ossos e de carne meia comida, em uma palavra, de todos os signaes do *banquete de triumpho*, com que os selvagens tinham celebrado a victoria que alcançaram sobre os seus inimigos. Vi por terra tres caveiras, cinco mãos e os ossos de duas ou tres pessoas, e outros tantos pés. *Sexta Feira* fez-me entender com os seus signaes, que tinham trazido comsigo quatro prisioneiros, que haviam comido tres, e que elle era o quarto; que tinha havido uma grande batalha entre elles e o rei, de que elle era vassallo; e que tinha havido muitos prisioneiros de uma e outra parte; os quaes tinham sido destinados para a mesma sorte que aquelles, de que via os restos. Fiz com que o meu escravo ajuntasse todos aquelles restos humanos em um monte, e fazendo um grande fogo á roda os reduzisse a cinzas.

Acabada aquella ceremonia, voltamos para o meu castello, onde me puz a trabalhar no vestido de *Sexta Feira*. Dei-lhe um par de calções de panno de linho e uma véstia de pelle de cabra; e como eu já sabia de alfaiate, fiz-lhe igualmente um barrete de pelle de cabra, cujo feitio não era inteiramente máu. Elle estava encantado de se ver quasi tão asseiado como seu senhor, ainda que a principio tinha um ar extravagante no seu modo de vestir, por falta de costume.

Tres ou quatro dias depois que principiei a viver com *Sexta Feira* resolvi-me a dissuadil-o do seu appetite cannibal, fazendo-lhe provar de outras carnes. Para esse fim matei e esfolei um cabrito, cortei-o em pedaços, e puz alguns d'elles ao lume em uma panella para os cozer, e estufei outros; depois dei uma parte d'esta carne assim preparada ao meu escravo, que, vendo como eu comia d'ella, comeu tambem. Deu-me a entender que gostava: mas o que lhe pareceu estranho, era que eu deitasse sal na carne, porque os selvagens não fazem uso do sal.

No dia seguinte espetei em um pau um pedaço de cabrito e asseio, fazendo-o andar á roda diante do lume como um espeto. Logo que *Sexta Feira* comeu d'este assado, mostrou-se muito satisfeito, e deu-me a entender por gestos que nunca mais comeria carne humana.

Nos dias seguintes ensinei-lhe a malhar os cereaes, a limpal-os e pisal-os para se fazer farinha e pão; a torrar e pisar café; a cozinhar, e outros serviços, fazendo tudo com tanta perfeição, que dentro em pouco tempo me dispensou d'esses cuidados. Um dia deu-me a entender que sabia fazer esteiras, e que as faria de um junquilho que nascia nas margens do riacho, ou de palha de arroz ou de trigo; disse-lhe que as fizesse, e elle teceu-as com tal arte, que me deixaram admirado da perfeição com que as acabava, as quaes nos serviam para muitos usos. Ajudado por *Sexta Feira*, fiz maiores quantidades de vinho e assucar, e outras cousas, ensinando-lhe no entanto a lingua ingleza e a fazer uso das armas de fogo, tendo o cuidado de lhe explicar a religião christã, que elle comprehendia muito bem. Tambem lhe ensinei a ler e escrever, no que elle se mostrava bastante intelligente, tendo mesmo sua vaidade de já não ser como os da sua nação; e n'este viver se passaram tres annos com muito contentamento meu e d'elle.

Um dia pela manhã, emquanto eu trabalhava ordenei a *Sexta Feira* que fosse á praia buscar algumas tartarugas, as quaes nos eram muito agradaveis, tanto por causa dos ovos, como da carne. Havia um instante que tinha saido, quando o vi voltar precipitadamente e saltar o entrincheiramento exterior, como se os seus pés tivessem azas. Sem me dar tempo de lhe fazer pergunta alguma, pôz-se a gritar: *O' senhor! senhor! O' máu!—Que ha de novo, Sexta Feira?* disse eu.—*O'*, respondeu elle, *lá baixo um, dois, tres barcos*. Eu conclui que devia haver na praia tres canôas. Em vão procurei tranquillisal-o: o pobre rapaz continuava a estar em transes mortaes, persuadindo-se que os selvagens tinham vindo para o fazerem em pedaços e devoral-o.

—*Animo, Sexta Feira*, lhe disse, *eu corro o mesmo perigo que tu; se elles nos apanham, ambos estamos perdidos: por esta razão é preciso arriscarmo-nos a combatel-os. Sabes tu*

combater, meu filho?—Eu atirar, replicou elle, *mas vir lá muito grande numero.—Não importa,* lhe disse eu, *as nossas armas aterram os que não matarem: eu estou resolvido a expor por ti a minha vida, comtanto que tu me promettas fazer o mesmo.—Sim,* respondeu elle, *eu morrer quando meu senhor ordena morrer.*

Fiz-lhe então pegar em duas espingardas, que carreguei com a munição mais grossa que tinha: peguei tambem em quatro arcabuzes, cada um dos quaes carreguei com dois pregos e cinco balas: carreguei as minhas pistolas na proporção: puz o meu alfange nu á cinta, e ordenei a *Sexta Feira* que pegasse no seu machado. Tendo-me assim preparado, peguei em um dos meus oculos, e subi ao alto da eminencia para descobrir o que se passava na praia: percebi logo que os nossos inimigos eram vinte e um com tres prisioneiros, que tinham vindo em tres canôas, e que intentavam fazer o seu banquete de triumpho com estes tres corpos humanos. Depois desci e saímos do castello, avançando cautelosamente até que entre nós e os selvagens não mediava mais que uma pequena ponta de bosque. Encostado a uma arvore, vi que os selvagens estavam todos á roda do fogo, regalando-se com um dos seus prisioneiros, e a alguns passos de distancia havia outro que ia experimentar a mesma sorte; este ultimo pareceu-me europeu.



A vista d'aquelle prisioneiro, que estava estendido sobre a areia com as mãos e pés ligados, despertou todo o meu furor: os seus vestidos não me deixaram duvidar um instante que era europeu. Não havia um momento a perder; dezenove d'estes barbaros estavam assentados, unidos uns com os outros: tinham destacado dois algozes, para lhes trazer provavelmente o pobre christão retalhado em pedaços. Estavam já occupados em desatar-lhe os pés, quando, voltando-me para *Sexta Feira* lhe disse: Vamos, segue exactamente as minhas

ordens, faze o que me vires fazer: e pondo no chão um dos meus arcabuzes e uma das espingardas, vi que me imitava exactamente. Com o outro arcabuz apontei aos selvagens, ordenando-lhe que fizesse o mesmo. *Estás prompto?* lhe disse.—*Sim,* me respondeu.—*Faze fogo.* E no mesmo instante descarregamos ambos. *Sexta Feira* excedia-me de tal modo na pontaria, que matou dois e feriu tres, emquanto que eu só feri dois e matei um. Todos os que não estavam feridos se levantaram precipitadamente sem saber para onde voltassem os passos a fim de evitar o perigo, cuja causa ignoravam. *Sexta Feira,* porém, tinha sempre os olhos fitos em mim, para observar e imitar todos os meus movimentos. Depois de ver o effeito da nossa primeira descarga, larguei o arcabuz para pegar na espingarda, e o meu escravo fez o mesmo. Apontamos ambos. *Estás prompto?* lhe perguntei; e logo que me respondeu: *Sim,—Fogo n'elles;* e no mesmo tempo atiramos sobre a tropa espantada; cairam dois, e ferimos uns poucos, os quaes vimos correr para uma e outra parte, todos cobertos de sangue, e um instante depois cairam ainda tres meio mortos. Largando então as armas descarregadas, lancei mão do segundo arcabuz e ordenei a *Sexta Feira* que fizesse o mesmo, e sai furiosamente do bosque, acompanhado de *Sexta Feira,* e logo que estive em campo raso dei um grande grito, o que elle tambem imitou. Depois puz-me a correr para a pobre victima, que estava estendida na areia entre este logar do banquete e o mar. Os algozes, que iam exercer a sua arte sobre o pobre desgraçado, fugiram espavoridos, ouvindo o estrondo da nossa primeira descarga, para o lado do mar, e se lançaram em uma das canôas, seguidos de tres selvagens mais: gritei ao meu escravo que corresse para aquella parte e lhes atirasse. Ouviu-me logo, e avançando para o dito logar, fez fogo sobre elles. A principio julguei que tinha morto a todos, vendo-os cair uns sobre os outros; mas vi logo que dois se levantavam: tinha porém matado dois e ferido outro, de maneira que ficou como morto dentro da canôa. Emquanto o meu creado se occupava na destruição de seus inimigos, tirei a minha navalha e cortei os laços do pobre prisioneiro, e desatando-lhe os pés e as mãos o assentei e lhe perguntei em portuguez quem era; elle me respondeu: *Christiano;* mas vendo-o tão fraco, que se não podia ter em pé nem fallar, dei-lhe a minha garrafa de rhum e fiz-lhe signal que bebesse, o que elle fez, e comeu tambem um pedaço de pão que lhe dei. Depois de se restabelecer um pouco, deu-me a entender que era hespanhol e que me devia todas as obrigações imaginaveis pelo importante serviço que acabava de lhe fazer. Continuei a fallar-lhe em portuguez, que elle parecia entender, e disse-lhe: *Em outra occasião fallaremos; agora é necessario combater: se vos resta alguma força, pegae n'esta pistola e n'esta espada, e fazei d'ellas bom uso.* Recebeu-as com ar agradecido, e parecia que estas armas lhe restituiam todo o seu vigor. No mesmo instante descarregou sobre os seus inimigos com furia, e n'um momento matou dois ás cutiladas. Todos os selvagens foram mortos.

Fiquei muito admirado quando revistei uma das canôas, e vi dentro outro prisioneiro maneatado do mesmo modo que o hespanhol e quasi morto de médo, porque ignorava o que se tinha passado: e estava de tal modo ligado, que lhe não tinha sido possivel levantar a cabeça, e apenas lhe restava pouco alento de vida. Cortei-lhe as cordas, que o incommodavam tanto, e esforcei-me para o levantar: mas elle não tinha forças nem para sustentar-se, nem para fallar; deu sómente alguns gemidos surdos, mas lamentaveis, temendo, sem dúvida, que o desatassem para lhe tirar a vida. Tanto que *Sexta Feira* entrou na canôa, disse-lhe que o assegurasse da sua liberdade e que lhe désse um pouco de rhum, o que, junto á boa noticia que elle não esperava, o fez reviver e lhe deu bastantes forças para assentar-se. Logo que o meu escravo olhou para elle attentamente, e o ouviu fallar, passou-se uma scena capaz de enternecer o homem mais insensivel; pois *Sexta Feira* beijava e abraçava aquelle selvagem, chorava, ria, saltava, dançava á roda d'elle, e depois esfregava as mãos, esbofeteava-se, cantava, e depois d'isso saltava, dançava novamente, a ponto de parecer um louco. Durante alguns momentos não teve forças para me explicar a causa de tão oppostos movimentos; mas quando socegou um pouco disse-me que aquelle selvagem era o seu pae. É impossivel de explicar quanto me commoveram os transportes que o amor filial produziu no coração do pobre rapaz, vendo seu pae liberto das mãos de seus inimigos.

Em seguida voltamos todos para o meu castello, e almoçamos com avidez, especialmente o hespanhol, que se chamava Domingos, e o velho pae de *Sexta Feira,* ao qual puz o nome de *Quarta Feira;* depois do almoço mandei-os deitar para repousarem, voltando eu e *Sexta Feira* á praia para irmos lançar ao mar os cadaveres dos selvagens mortos, cujo enterramento se nos tornaria muito incommodo. Levamos quatro corpos dos selvagens mortos para uma canôa, e, remando, fomos pelo mar dentro lançal-os bem longe da terra; depois fizemos o mesmo aos outros, até não ficar nenhum na praia, e em seguida conduzimos as canôas para o riacho que desembocava na enseada, e lá as amarramos com segurança perto da minha chalupa, que eu tinha concluido e aperfeiçoado com *Sexta Feira,* cobrindo-as depois com ramos.

Quando acabamos esta faina dirigimo-nos para o meu castello, aonde chegamos cheios de fadiga, encontrando Domingos e *Quarta Feira* acordados e a pé. Tratamos de fazer o jantar, que constou de uma gallinha, de carne de cabrito e de tartaruga, sôpa e arroz á portugueza; e á sobremesa tivemos arroz dôce, passas e queijo, e depois café: foi um jantar de festa para solemnisar a chegada dos dois hospedes. A noite não ceamos, por havermos jantado muito tarde.

No dia seguinte dei um vestido completo ao velho *Quarta Feira,* igual ao do filho, com o que elle ficou muito contente, apezar dos vestidos o constrangerem muito.

Domingos contou-me a sua vida, pela qual vim a saber que elle fazia parte da tripulação do navio naufragado perto da minha ilha: que tinham visto a fogueira feita por mim sobre o rochedo, e que tendo todos embarcado nas chalupas do navio, se salvaram em uma ilha habitada por selvagens, patria do velho *Quarta Feira,* onde foram bem recebidos. Tambem me disse os nomes d'aquelles a quem pertenciam os brilhantes e o dinheiro de ouro e prata que eu salvára do navio, cousa que estimei, para lhes entregar tudo, se os encontrasse em algum tempo.

Vivemos n'aquella ilha tranquillamente, continuou Domingos, sendo sempre bem tratados pelos selvagens. Ha poucos dias, porém, os selvagens de outra ilha foram atacar aquelles com quem estavamos, e nós tomamos as armas contra os aggressores; deu-se batalha, ficando eu, *Quarta Feira* e outro prisioneiros do inimigo, e teriamos a mesma sorte do nosso companheiro, que os selvagens comeram, se não fosse a vossa coragem, pelo que vos torno a dar muitos agradecimentos.

A ilha ia povoando-se, e eu já tinha vassallos que representavam tres religiões, porque Domingos era catholico, *Quarta Feira* pagão, e *Sexta Feira* protestante; quanto a mim, apezar de ser protestante, cumpria-me, como rei, respeitar todas as religiões, para que houvesse verdadeira tolerancia entre os meus vassallos.

Um dia perguntei a Domingos e *Quarta Feira* se queriam voltar para a sua ilha em uma das canôas tomadas aos selvagens, e elles responderam-me que só iriam se eu os não quizesse ter commigo, ou se eu fosse tambem. Respondi-lhes que só sairia da minha ilha para voltar á Europa.

Depois mostrei a Domingos o desejo que tinha de ver a minha ilha povoada de europeus, e perguntei-lhe se os companheiros, que estavam com os selvagens, quereriam vir para a minha ilha, aonde eu lhes distribuiria terras em que cultivassem tabaco, algodão, café, cannas de assucar e outros generos, ajudando-se uns aos outros, e reconhecendo-me como senhor donatario da ilha; e dizendo-me elle que os seus companheiros de certo viriam se soubessem o que se passava, encarreguei Domingos de os ir convidar para virem, e que levasse comsigo *Quarta Feira* para o ajudar, o que elles aceitáram com a melhor vontade.

Dispostas as cousas para a partida, e abastecida uma das canôas com bastantes comestiveis e agua, disse-me Domingos que lhe parecia prudente que eu escrevesse as condições com que os seus companheiros seriam recebidos na minha ilha, para elle lh'as apresentar, e os que não as aceitassem que não viessem, e os outros as assignassem, para no futuro saberem a lei em que deviam viver, pois eram marinheiros rudes como elle, e uns melhores que outros.

Pareceu-me acertado este conselho de Domingos, e escrevi os seguintes artigos:

«1.º Todos os que quizerem vir para a minha ilha deverão conformar-se em tudo com a vontade do legitimo senhor d'ella, submettendo-se voluntariamente ás leis e regulamentos que eu tenha por bem fazer para beneficio do estado.

«2.º Devem ser activos, sobrios e virtuosos, pois nenhum ocioso, dado á gula ou dissoluto será consentido na referida ilha.

«3.º Devem abster-se de altercações, rixas e desordens, nem serem juizes em causa propria, qualquer que seja a offensa que recebam, devendo todo aquelle que for offendido queixar-se ao senhor da ilha ou á pessoa em quem elle tiver delegado as funcções de juiz, para se fazer justiça a quem a tiver.

«4.º Devem sujeitar-se a desempenhar os serviços que o bem da sociedade lhes exigir, ajudando sempre o senhor da ilha, quando seja necessario, mesmo á custa da propria vida.

«5.º Se alguem se revoltar contra qualquer d'estes artigos, todos os outros habitantes da ilha são obrigados a unirem-se para o obrigar a entrar na ordem, ou para o forçarem a sair da ilha.

Recommendo a todos em geral e a cada um em particular que pensem maduramente sobre cada um d'estes artigos, e que antes de os assignar (o que equivale a uma promessa jurada) tomem a firme resolução de guardar inviolavelmente tudo o que n'elles se contém.

Robinson Crusoé.»

Estes artigos eram escriptos em portuguez, que os hespanhoes entendiam facilmente, e não na lingua ingleza, que elles todos ignoravam. E como não sabia se os hespanhoes viriam, ou mesmo se Domingos tornaria breve, disse-lhe que, se quando elle viesse eu já não estivesse na ilha, o encarregava a elle Domingos de governar na minha ausencia, para o que lhe deixaria uma auctorisação escripta, que devia procurar no salão do subterraneo na

logar que lhe fui mostrar. Dei varias instrucções a Domingos sobre o que devia fazer se me não encontrasse no seu regresso, e assegurei-lhe que voltaria á ilha com um navio carregado de colonos, que arranjaria quando estivesse em Inglaterra; depois dei-lhe um vidrinho com tinta e uma penna para os hespanhoes poderem assignar os artigos, se quizessem.

No dia seguinte pela manhã, quando a maré começava a baixar, embarcaram em uma canôa Domingos e *Quarta Feira,* e despedindo-se de mim e de *Sexta Feira,* saíram da enseada e lá foram remando pelo mar fóra com direcção ao seu destino; quando perdemos a canôa de vista é que nos retiramos da praia para o meu castello, com saudades dos nossos dois companheiros, que tinham estado tres mezes comnosco.

Depois da partida de Domingos e *Quarta Feira,* occupei-me e *Sexta Feira* em fazer as sementeiras de trigo, arroz, cevada e milho, em maior quantidade do que costumava, para ter cereaes em abundancia, que chegassem para nós, as nossas aves e os hespanhoes, que esperavamos. Quando acabaram as sementeiras principiou a estação das chuvas, durante a qual nos occupamos de muitos serviços caseiros, e entre elles do aperfeiçoamento de um moinho mecanico, arranjado com duas pedras toscas, que eu tinha encontrado na praia do norte em uma das viagens que lá fiz. As pedras eram chatas, mas não redondas; com grande custo consegui fazer-lhes um buraco no meio, e colloquei a maior na altura de cinco palmos firme sobre estacas e páus atravessados, e em cima a outra posta sobre um páu, que do chão passava pelo buraco da pedra firme e sustentava a de cima sem a deixar pousar na de baixo, tendo aquelle páu entre o chão e a primeira pedra uma tortuosidade semelhante a um meio circulo C, que facililitava andar com elle á roda e fazer girar a pedra de cima, em cujo giro moia os cereaes não muito bem, mas melhor e mais facilmente do que no almofariz.

Assim se passou a estação das chuvas, e com ella mais um mez sem Domingos nem *Quarta Feira* voltarem; não teriam chegado ao seu destino, não quereriam voltar á minha ilha, ou teriam caido novamente nas mãos dos selvagens?—Não sabiamos, e isso nos mortificava bastante. Fizemos as colheitas, que n'aquelle anno foram abundantissimas, e recolhemos tudo no celleiro do subterraneo.

Depois de terminados os trabalhos laboriosos da colheita vieram outros, que foram interrompidos por um acontecimento de notaveis consequencias. Uma manhã, deitando os olhos para o mar, fiquei sobresaltado vendo a legua e meia de distancia uma chalupa, que se dirigia para o lado da minha praia, impellida por um vento favoravel. Então disse a *Sexta Feira* que não fizesse o menor movimento, por não sabermos se eram amigos ou inimigos. Para nos instruirmos melhor fui buscar o meu oculo, e subi ao cume do rochedo, como costumava fazer quando receiava alguma cousa, e a queria descobrir sem que me vissem. Apenas cheguei ao alto da eminencia vi claramente um navio ancorado a quasi duas leguas e meia para o sudoeste, que pela sua construcção me pareceu ser inglez, assim como tambem a chalupa, que se aproximou á praia, e foi empurrada sobre a areia, a meio quarto de legua quasi distante de mim. Logo que estiveram sobre a praia, vi claramente que eram onze inglezes ao todo, mas tres estavam desarmados, segundo percebi. Assim que cinco d'elles saltaram na praia, fizeram logo saír os prisioneiros, e depois d'elles saltaram os tres marinheiros que ainda lá estavam. Emquanto eu estava perplexo, sem comprehender o que significava semelhante espectaculo, vi uma vez a um d'estes malvados levantar uma espada para descarregar sobre um d'estes desgraçados, e pareceu-me que o ia ver cair por terra: o que me gelou nas veias todo o sangue.

Depois de todos desembarcados arrastaram a chalupa sobre a areia, pondo-a em sêcco: deixando os tres prisioneiros com liberdade de irem para onde quizessem, foram vaguear pela ilha. Em todo este tempo me conservei no recinto do meu castello sem saír do meu *observatorio,* e estava muito satisfeito, por ter tido a prudencia de fortificar tão bem a minha habitação. Preparei-me para o combate, mas com mais precaução, porque os meus inimigos eram differentes dos que tinha combatido até então. Dei ordem a *Sexta Feira* que fizesse o mesmo, e confiava muito n'elle, porque atirava muito certo, dei-lhe tres espingardas, e tomei duas para mim, tendo ao lado o alfange nú e duas pistolas á cinta.

Duas horas depois, no maior calor do dia, vi que os tres marinheiros se tinham mettido nos bosques, provavelmente para descansar: emquanto que os tres prisioneiros se deitaram á sombra de uma grande arvore perto de mim, e fóra da vista dos outros. Resolvi-me então a fallar-lhes, e no mesmo instante me puz em marcha: *Sexta Feira* seguia-me de longe, armado tão formidavelmente como eu. Depois que me avizinhei d'elles, quanto me foi possivel, sem ser descoberto, disse-lhes em portuguez:

— *Quem sois vós?*

Elles não responderam, e os vi em termos de fugirem; disse-lhes então em inglez:

— *Não tenhaes mêdo, talvez acheis aqui um amigo sem o esperar.*

— *Só se nos fosse enviado do céo,* respondeu um d'elles respeitosamente e com o chapéu na

mão, *porque as nossas desgraças são superiores a todo o soccorro humano.*

—*Todo o soccorro vem do céo,* lhe disse eu; *dizei-me o meio de vos soccorrer, porque me pareceis opprimido de uma grande afflicção.*

O pobre homem, tremendo, me respondeu admiradissimo:

—*Fallo a um homem, ou a um anjo?*

—*Socegae,* lhe disse, *eu sou realmente um homem, sou um inglez, e disposto a ouvir-vos. Só tenho commigo um escravo; temos armas e munições, dizei livremente se vos podemos soccorrer, e explicae-me a natureza das vossas desgraças.*

—*Ah! senhor,* disse elle, *a sua narração é longa, e não vol-a posso fazer agora, porque os nossos inimigos estão perto: bastará dizer-vos que fui commandante do navio, que vedes ao largo: a minha tripulação levantou-se contra mim, e por pouco me não assassinaram; mas é o mesmo; pretendem abandonar-me n'este deserto com estes dois homens, dos quaes um é o meu contra-mestre, e o outro é um passageiro.*

—*Mas,* lhe disse eu, *que é feito dos rebeldes?*

—*Estão alli deitados,* respondeu elle, mostrando com o dedo um bosque muito espesso.

Perguntei-lhe então se os sediciosos tinham armas de fogo, e soube que não tinham senão duas espingardas, e que tinham deixado uma d'ellas na chalupa, e que entre elles havia dois velhacos que se deviam temer, e que se estes se segurassem, julgava que o resto facilmente entraria no seu dever. *Bem está,* lhe disse eu, *vinde commigo para um logar onde com segurança possamos deliberar no que devemos fazer.* Depois disse-lhe: *Se conseguirmos metter-vos de posse do navio, conduzir-me-heis a Inglaterra com o meu escravo, sem exigir cousa alguma pela passagem?* Elle assim m'o prometteu, com as mais fortes expressões, que póde dictar um coração agradecido.

Dei-lhes em seguida espingardas, polvora e bala, e disse-lhes que, segundo me parecia, o melhor era fazer fogo sobre elles todos ao mesmo tempo, emquanto estavam deitados, e que, se algum escapasse á nossa primeira descarga e quizesse render-se, poderiamos salvar-lhe a vida. O capitão disse-me que me obedeceria em tudo, mas que sentiria matal-os, se fosse possivel usar de outros meios: *porém emquanto aos dois malvados incorrigiveis, e que são os auctores da rebellião, se nos escapam, estamos perdidos, pois voltarão a bordo para tornarem com toda a tripulação a fim de nos destruirem.* Á vista d'isto disse a elle e aos seus companheiros que fossem adiante e obrassem segundo as circumstancias.

No meio d'esta conversa vimos que dois se levantaram e se retiraram; perguntei ao capitão se eram os cabeças da rebellião, de que me tinha fallado, e elle disse-me que não. *Bom,* lhe disse eu, *deixemol-os escapar, pois que a Providencia parece tel-os despertado expressamente para lhes salvar as vidas: emquanto aos outros, se os não segurares, a culpa é vossa.* Animado com estas palavras, avançou para os sediciosos com o arcabuz sobre o braço e uma das minhas pistolas á cinta. Os seus dois companheiros, que iam alguns passos adiantados, fizeram algum estrondo, que despertou um dos marinheiros. Este principiou a gritar para acordar os seus camaradas; mas ao mesmo tempo fazem ambos fogo, e o capitão apontando mata um d'elles no mesmo logar em que estava. O outro, ainda que perigosamente ferido, levantou-se com precipitação, e pôz-se a gritar por quem o soccorresse; mas o capitão deu-lhe com a cronha na cabeça e o estendeu morto no chão. Ficavam ainda tres, um dos quaes estava ligeiramente ferido, mas vendo-me chegar, e que lhes era impossivel resistir, pediram misericordia. Consentiu o capitão, com a condição de lhe manifestarem o arrependimento de seu crime, ajudando-o fielmente a recuperar o navio e a tornal-o a pôr na Jamaica, d'onde o tinham trazido. Deram-lhe todas as provas do seu arrependimento e das boas tenções com que estavam, e o capitão resolveu salvar-lhes a vida, o que eu não desapprovei: obriguei-o sómente a conserval-os atados de pés e mãos emquanto estivessem na ilha. Entretanto mandei *Sexta Feira* com o contra-mestre á chalupa com ordem de lhe fazer um rombo e de lhe tirar os remos e as velas e tudo o que lá estivesse, o que executaram; ao mesmo tempo tres marinheiros, que por sua felicidade se tinham apartado dos outros, voltaram movidos do estrondo das espingardas, e vendo o seu capitão, que de prisioneiro estava feito vencedor, sujeitaram-se a elle, e consentiram que os amarrassem como os outros. Vendo então todos os nossos inimigos incapazes de combate, tive tempo de fazer ao capitão a narração de todas as minhas aventuras. Ouviu-as com muitissima attenção, principalmente o modo milagroso como me provi de munições e viveres. Acabada a nossa conversação conduzi-o com os seus companheiros ao meu castello, dei-lhes de comer e refrescos, e mostrei ao capitão todos os inventos de que me tinha lembrado durante a minha assistencia na ilha. Depois disse-lhe que actualmente era necessario cuidar nos meios de nos fazermos senhores do navio. Conveio n'isto, mas confessou-me que não sabia como o podesse fazer, porque ainda ha, disse elle, vinte e seis homens a bordo, que, sabendo merecerem a morte pela sua conspiração, combateriam porfiadamente. Achei esta reflexão muito justa, e vi que se não podia fazer outra cousa senão armar alguma cilada á tripulação, e impedil-a ao menos que desembarcasse e nos destruisse

Estou certo, disse ao capitão, que a gente do navio, em vista da demora de seus camaradas, mandará em breve outra chalupa para ver o que lhes aconteceu, e temo muito que venham armados e em numero de lhes não podermos resistir. Quando isto dizia, ouvimos um tiro de peça, e vimos ao mesmo tempo sobre o navio o signal ordinario para chamar a chalupa a bordo; porém como ninguem foi, vimos pelos oculos deitar a outra chalupa ao mar e encaminhar-se á força de remos para a praia: e quando chegaram mais perto vimos claramente que eram dez e com armas de fogo, os quaes desembarcaram na praia onde viram a primeira chalupa.

Por cautela, como dois prisioneiros eram suspeitos ao capitão, mandei-os metter no subterraneo, e disse-lhes que se se conservassem tranquillos lhes daria de comer e lhes restituiria dentro em dois dias a sua liberdade; mas que se tentassem fugir seriam mortos a tiro pelo que lhes ficava de guarda. Depois dei ordem a *Sexta Feira* para que tapasse a entrada do subterraneo e o vigiasse. Quanto aos outros quatro prisioneiros, recebi-os no meu serviço, depois de serem afiançados pelo capitão, e de terem jurado que nos seriam fieis até á morte; d'este modo eramos nove bem armados e em estado de vencermos os inimigos.

Tendo abordado ao logar onde estava a sua primeira chalupa, deixaram tres na chalupa e saltaram sete em terra, que foram a correr para a outra chalupa; e facilmente conhecemos a admiração que lhes causou o vel-a arrombada e falta de toda a sua mastreação. Um instante depois deram todos ao mesmo tempo dois ou tres grandes gritos, para se fazerem ouvir dos seus companheiros; mas vendo que era inutil, formaram um circulo e deram uma descarga geral com as suas armas, cujo estrondo retumbou em todos os bosques. Como ninguem lhes respondesse dirigiram-se os sete para a eminencia, debaixo da qual estava a minha habitação, e podendo nós vel-os claramente sem sermos vistos por elles. Quando estiveram no cume da eminencia, d'onde podiam descobrir uma grande parte dos bosques e dos valles da ilha, particularmente da parte do nordeste, onde o terreno era mais baixo, principiaram de novo a gritar com todas as suas forças; e, não ousando, ao que parecia, arriscar-se a penetrar mais na ilha, sentaram-se para consultarem juntos.

Depois de termos esperado muito tempo o resultado da sua deliberação, vimol-os, muito a nosso pezar, levantarem-se e caminhar para a praia com tenção, provavelmente, de voltarem para bordo do navio, para continuarem a sua viagem. Vendo que se retiravam resolvidos a partir, lembrei-me de um estratagema para os fazer voltar, cujo successo correspondeu exactamente ás minhas intenções. Ordenei ao contra-mestre e a *Sexta Feira* que passassem a pequena enseada da parte do oeste para o logar onde salvára o meu escravo do furor dos seus inimigos; que logo que chegassem a alguma eminencia gritassem com todas as suas forças; que ficassem alli até que se assegurassem de ter sido ouvidos pelos marinheiros, e que dessem outro grito logo que os outros lhe respondessem; que depois d'isto, occultando-se sempre á sua vista, voltassem em circulo, continuando a gritar em cada outeiro que encontrassem, para assim os attrahir ao centro dos bosques; e que depois voltassem á minha habitação pelos caminhos que eu lhes indiquei.

Principiavam os rebeldes justamente a entrar na chalupa, quando a minha gente deu o primeiro grito: logo o ouviram, e correndo para a praia da parte do oeste, d'onde tinham ouvido a voz, foram embaraçados pela enseada, que lhes foi impossivel atravessar, por ser n'aquelle tempo preamar; o que os obrigou a fazer vir a chalupa, como eu tinha previsto. Depois de atravessarem a enseada na chalupa, observei que a faziam subir mais acima para uma revessa, saindo um dos marinheiros, e ficando n'ella dois, que ataram a barca ao tronco de uma arvore. Deixei executar tranquillamente as minhas ordens ao contra-mestre e a *Sexta Feira*, saí com os outros, e dando uma volta para chegar á outra parte da enseada, surprendemos os da chalupa. Um estava n'ella e o outro cá fóra deitado sobre a areia meio adormecido, que acordou sobresaltado á nossa chegada. O capitão, que ia adiante, saltou sobre elle, quebrou-lhe a cabeça com a cronha da espingarda, e gritou ao outro, que estava na chalupa, que se rendesse, ou que o matava. Não foi necessario muito trabalho para o resolver a isto: via-se surprendido por sete homens; o seu camarada estava morto, e como era, além d'isso, um d'aquelles que o capitão tinha na conta dos bons, não só se rendeu, mas tambem se encorporou comnosco e nos serviu com muita fidelidade. Entretanto *Sexta Feira* e o contra-mestre manejaram tão bem as cousas que, ora gritando, ora respondendo aos gritos dos marinheiros, os foram conduzindo de modo que os fizeram cair na emboscada. Não os deixaram em descanso senão depois de os terem entranhado bem no bosque, para que se não podessem recolher á chalupa antes da noite; e assim succedeu, porque só chegaram á chalupa algumas horas depois da vinda de *Sexta Feira*.

Não é possivel exprimir a sua admiração, quando viram a maré baixa e a chalupa encalhada na areia, e sem guardas. Ouvimos gritar uns aos outros de um modo lamentavel, dizendo que estavam em uma ilha encantada. Principiaram novamente a gritar e chama-

vam pelos nomes aos seus dois companheiros, mas ninguem lhes respondeu. Então vimol-os com a pouca claridade do dia, que ainda havia, correr para uma e outra parte, e esfregar as mãos como gente desesperada. A minha gente desejava muito cair sobre elles todos ao mesmo tempo, mas o meu proposito era apoderar-me d'elles vantajosamente, para matar os menos que fosse possivel, e não arriscar a vida de algum dos nossos. Resolyi-me, pois, a esperar, fiado em que elles se separariam, e para que me não escapassem fiz apertar a minha emboscada, e ordenei a *Sexta Feira* e ao capitão que fossem de gatinhas e se aproximassem d'elles quanto lhes fosse possivel, sem se lhes descobrirem. Não estavam ha muito tempo n'esta postura, quando o segundo contra-mestre, cabeça principal da rebellião, dirigiu os passos para aquella parte, acompanhado de dois. O capitão estava tão apaixonado contra aquelle malvado, que se levantou de repente, e juntamente com *Sexta Feira* lhes fizeram fogo. O revoltoso segundo contra-mestre e um marinheiro cairam mortos, e o terceiro fugiu. Ao estrondo dos tiros avancei arrebatadamente com toda a minha gente, que se compunha de oito pessoas. Estava a noite já escura, de modo que lhes foi impossivel saber o nosso numero. Por esta causa ordenei ao que aprisionamos na chalupa que lhes dissesse se queriam capitular, do contrario que seriam todos mortos. Depois de se consultarem durante dois minutos, decidiram entregar as armas, pedindo se lhes perdoassem as vidas, consentindo que *Sexta Feira*, e mais dois que mandei com elle, os amarrassem de modo que nada houvesse que temer d'elles. Em seguida avançou o meu grande exercito, e se apoderou dos revoltosos e da chalupa, conservando-me eu e um dos meus soldados occultos.

O capitão, fallando aos prisioneiros, reprehendeu-os severamente pela sua traição e más acções, que contra elle praticaram, as quaes lhes acarretariam muitas desgraças, e por fim a de serem enforcados.

Commoveram-se os prisioneiros com o que lhes disse o capitão, e, mostrando-se arrependidos, pediram-lhe humildemente perdão, compromettendo-se com terriveis juramentos a serem fieis d'ahi em diante, seguindo-o a toda a parte aonde elle os quizesse conduzir. Para tornar tudo mais temeroso disse-lhes o capitão que ia participar o succedido ao governador da ilha, que estava perto, e que resolveria depois. Em seguida ordenou a *Sexta Feira* que me viesse participar o que se havia passado; para tornar a illusão mais perfeita demorei a resposta meia hora, e depois mandei dizer ao capitão, que uma vez que elle estava disposto a perdoar aos prisioneiros, eu tambem lhes perdoava, com a condição de cinco d'entre elles o ajudarem a recuperar o navio, ficando em refens os dois restantes com os tres prisioneiros que já tinha, aos quaes mandaria enforcar na praia, se aquelles que o acompanhassem fossem tão perfidos, que faltassem aos seus juramentos.

Esta resposta produziu bom effeito; os cinco escolhidos aceitaram alegremente a proposta, e foram logo desamarrados e unidos á minha tropa, cuja força ficou sendo de quatorze homens, incluindo eu e *Sexta Feira*, não fallando nos cinco prisioneiros. Com doze homens, portanto, é que o capitão tinha de tentar a conquista do navio, ficando eu e *Sexta Feira* na ilha para guardarmos os prisioneiros e dar-lhes de comer.

Depois d'isso mandou o capitão concertar o rombo da primeira chalupa, e assim que ambas estiveram apparelhadas como tinham vindo á ilha, armou toda a sua gente, e distribuiu-lhe polvora, chumbo e balas, e metteu o passageiro por commandante com quatro homens na primeira chalupa, e elle capitão embarcou com o contra-mestre e cinco homens na segunda chalupa, saindo logo ambas da enseada em direcção ao navio.

Seria meia noite quando as chalupas chegaram ao seu destino. Ordenou então o capitão a um marinheiro que dissesse ás sentinellas do navio que traziam tambem a primeira chalupa com os marinheiros, mas que tinham gasto muito tempo para os achar. Assim que a chalupa atracou ao navio, o capitão e o contra-mestre foram os primeiros que subiram, e mataram logo ás coronhadas o segundo piloto e o carpinteiro, fechando em seguida a escotilha; e sendo fielmente soccorridos pela gente da chalupa, aprisionaram quatro tripulantes, fugindo seis para o castello de prôa; mas sendo alli atacados tambem pela gente da segunda chalupa, morreu mais um dos rebeldes, e foram aprisionados cinco.

Estando assim o capitão senhor do navio, ordenou ao contra-mestre que abrisse a escotilha e fosse com quatro homens arrombar a camara, onde estavam o commandante dos revoltosos, dois marinheiros e um grumete com armas de fogo. Sendo intimados para se renderem, responderam com uma descarga, que feriu ligeiramente dois marinheiros, atravessando uma bala o braço esquerdo do contra-mestre, que, apezar de ferido, desfechou uma pistola no commandante rebelde e o matou, rendendo-se os outros logo que o viram morto.

D'esta fórma terminou o combate com os rebeldes, ficando o capitão completamente senhor do seu navio, tendo morrido cinco revoltosos na ilha e quatro no navio, além de sete feridos de ambos os lados.

O capitão deu-me logo a saber a sua victoria, mandando disparar cinco tiros de peça,

como tinhamos convencionado, cujo signal me encheu de contentamento. No dia seguinte pela manhã cêdo olhei para o mar e vi com grande prazer que o navio tinha vindo fundear a um quarto de legua distante da embocadura da enseada, na qual entrou d'ahi a pouco com a maré cheia, ficando então, por assim dizer, ancorado á minha porta! Considerei então certa a minha redempção! O capitão, assim que o navio fundeou, metteu-se na chalupa e saltou em terra, trazendo-me varios objectos de roupa, calçado, chapéu, meias, doces e licores

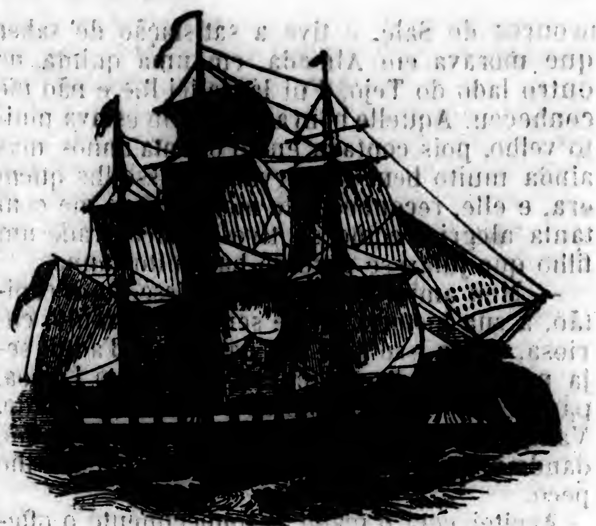
Eu estava tão possuido da alegria que me causava uma felicidade tão inesperada, que estive muito tempo incapaz de pronunciar uma só palavra, e teria caído em terra, se os braços do capitão me não tivessem amparado. Vendo-me quasi desfallecido, fez-me beber um copo de licor cordial, que tinha trazido expressamente para mim: e, depois que o bebi, senti-me, e pouco depois tornei a mim, mas estive ainda muito tempo sem poder fallar. O pobre homem não estava menos transportado de alegria do que eu, não obstante não sentir os mesmos effeitos. A minha commoção foi tão forte, que só recuperei a falla depois de ter derramado uma torrente de lagrimas, que me deixaram muito alliviado.

Depois dirigimo-nos ao meu castello, aonde me vesti á europeia, com os vestidos com que me presenteou o capitão, de modo que, depois d'isso, já podia passar por governador de uma ilha povoada! *Sexta Feira* tambem se transformou em homem civilisado com os vestidos que lhe deu o capitão, mostrando-se contentissimo, por se ver tão asseiado!

Aquelle dia passamal-o em abastecer o navio de muitas fructas, lenha, agua, cabras, gallinhas e tartarugas, que mandamos apanhar na outra praia. De tarde recolhemos a bordo os prisioneiros, a quem o capitão perdoou durante a viagem. Do que tinha no meu castello sómente trouxe o dinheiro e diamantes, o papagaio, o cão e os dois gatos, e para memoria do meu desterro o meu barrete, o jaquetão, os calções, e o guarda-sol de pelle de cabra.

Como era provavel que Domingos viesse para a ilha com os seus companheiros, deixei-lhes armas de fogo, polvora, balas, chumbo, muito trigo, cevada, arroz, milho, queijos, manteiga, passas, cerveja e vinho da ilha, tudo armazenado no subterraneo; e colloquei no logar que lhe havia dito algumas instrucções escriptas do que devia fazer, e uma auctorisação para governar a ilha durante a minha ausencia, promettendo-lhe voltar alli, logo que me fosse possivel, com um navio cheio de colonos.

No fim da tarde, ao sol-posto, abandonei o meu castello e recolhi ao navio, acompanhado de *Sexta Feira,* a quem estimava como se fosse o meu melhor amigo.



Na manhã seguinte, quando a maré começou a vasar, levantou ancora o navio e saiu da enseada á vela, dirigindo-se para a Europa. Emquanto pude ver a minha ilha, nunca afastei os olhos d'ella, e quando a perdi de vista senti uma grande saudade apertar-me o coração!

Assim abandonei a minha ilha no dia 19 de dezembro de 1686, depois de ter alli residido vinte e oito annos, dois mezes e dezenove dias na mais triste solidão. Este dia tinha para mim a grata recordação de ser o anniversario da minha fuga do captiveiro que soffri dos mouros de Salé.

A nossa viagem foi feliz, e o navio entrou em Londres em 11 de abril de 1687, de sorte que faziam quasi trinta e cinco annos que eu estava ausente da minha patria! De Londres dirigi-me com *Sexta Feira* para York, aonde soube que meus paes tinham morrido havia muitos annos, existindo apenas minhas duas irmãs, uma viuva e outra casada, e ambas com filhos, não me conhecendo ninguem; e julgando-me todos morto, ha muito tempo tinham repartido entre si os bens deixados por meus paes como se eu não existisse. Fui viver com minha irmã viuva, que estava pobre, e mandei educar os dois filhos que ella tinha, um de quinze e outro de dezoito annos. Demorei-me alguns mezes em York, e em dezembro de 1687 dirigi-me a Londres com *Sexta Feira,* onde embarcamos para Lisboa, em cuja cidade tencionava colher noticias da minha plantação e engenho de assucar, que tinha deixado na Bahia entregue aos cuidados de um socio quando embarquei para ir buscar escravos á costa de Guiné.

A minha viagem de Londres para Lisboa levou poucos dias, apezar de uma tormenta que nos apanhou no golfo de Biscaia. Assim que cheguei a Lisboa indaguei se ainda existia o capitão Antonio Tavares Coutinho, que me havia conduzido ao Brazil depois que fugi aos

mouros de Salé, e tive a satisfação de saber que morava em Almada, em uma quinta, no outro lado do Tejo. Fui lá, fallei-lhe e não me conheceu. Aquelle honrado homem estava muito velho, pois contava então oitenta annos, mas ainda muito bem conservado. Disse-lhe quem era, e elle, reconhecendo-me, abraçou-me com tanta alegria, como se tivesse encontrado um filho que julgasse perdido ha muitos annos.

— Meu amigo, snr. Crusoé, disse-me o capitão, a sua historia ha de ser longa e muito curiosa, e por isso já o não deixo saír d'aqui; seja meu hospede emquanto estiver em Lisboa, para conversarmos muito e á nossa vontade. Vamos, snr. Crusoé, me disse o bom velho, dando-me um abraço, não me recuse o que lhe peço.

Aceitei com o maior reconhecimento o offerecimento do capitão, e n'aquelle mesmo dia á noite ficamos hospedados, eu e *Sexta Feira*, em casa d'elle. A sua familia constava de uma filha solteira, da mulher de seu filho, ausente no Brazil, e quatro netos.

No dia seguinte, depois do almoço, comecei a contar-lhe a minha historia, que durou uns tres dias para não fatigar o bondoso ancião; elle achou-a muito interessante e pediu-me que a imprimisse; eu prometti satisfazer-lhe os desejos quando voltasse a Inglaterra.

Depois de ouvir a minha historia contou-me o capitão que havia dez annos que não navegava para o Brazil, e que tendo-se-lhe perdido o navio, fizera outro de sociedade com tres negociantes, do qual era agora seu filho capitão, que brevemente devia chegar da Bahia. Disseme tambem que alli todos me julgavam morto e que os meus commissarios na cidade lhe tinham entregado o rendimento durante dez annos, no fim dos quaes o juiz dos ausentes arrecadára esses rendimentos para o cofre publico, aonde se achavam. Em seguida apresentou-me a conta documentada do que recebera, no valor de oito contos de réis: disse-me ser pouco, porque nos primeiros seis annos todo o rendimento fora para comprar escravos, augmentar a plantação e aperfeiçoar o engenho.

— Senhor Crusoé, continuou o capitão, o seu socio ainda é vivo, e tem augmentado muito a plantação, e como é honrado ha de ficar contentissimo quando souber que existe. Quanto ao que lhe devo, acrescentou, aqui tem o dinheiro de que posso agora dispor, que é um conto de réis, e como garantia dos restantes sete contos este titulo de doze contos, valor da parte que tenho no navio, que receberá quando elle chegar.

— Meu amigo, disse-lhe eu muito commovido, por ver tamanha demonstração de probidade no velho capitão, guarde o seu dinheiro e o titulo, porque para garantia da sua divida basta-me a sua amizade e honradez.

O capitão mostrou-se satisfeito com a confiança que eu depositava n'elle. Depois disse-lhe que estava resolvido a embarcar para a Bahia, a fim de conhecer o estado da minha plantação, e ao mesmo tempo reivindicar os meus direitos aos rendimentos que estavam em deposito, e fazer contas com os meus commissarios. O bondoso velho não approvou a minha ida, porque não me conhecendo lá ninguem, me tomariam por um impostor, e nada obteria; lembrou-me que escrevesse ao meu socio e aos filhos dos meus commissarios, e que elle capitão attestaria em como era verdade eu estar em Lisboa, mandando-se estes papeis a um negociante da Bahia, amigo do capitão, para lá arranjar tudo convenientemente.

Este alvitre pareceu-me acertado, e segui á risca tudo quanto o meu antigo amigo me indicou, devendo ser remettidos os papeis pela frota, que partiria de Lisboa na monção de março, tendo de esperar pela resposta hospedado como estava.

Os papeis que mandei produziram muito bom effeito, porque no fim de sete mezes recebi duas cartas, sendo uma muito amavel do meu socio, na qual me felicitava e me descrevia o desenvolvimento e prosperidade da plantação, convidando-me com instancia a ir vel-a; e a outra era dos filhos dos meus commissarios, incluindo uma conta corrente do que haviam recebido; de modo que, além do que tinham entregado ao capitão, ainda havia a meu favor mais de duzentos e cincoenta contos, que me remetteram n'aquella frota em assucar, tabaco e ouro.

Fiquei maravilhado com tanta riqueza, que, depois de Deus, devia aos cuidados do meu honrado amigo capitão Coutinho, a quem participei todo o succedido, o qual ficou contentissimo pelo bom desenlace dos meus negocios: augmentando-se-lhe a alegria com a chegada do filho n'esse mesmo dia, com o qual tomei logo amizade, por lhe encontrar os honrados sentimentos de seu pae.

No dia seguinte disse-me o capitão:

— Aqui tem, snr. Crusoé, os oito contos de réis, que lhe não pude entregar em fevereiro, como era do meu dever.

E despejou uma saca de moedas de ouro sobre a mesa. Deixei-lhe contar o dinheiro, e passei-lhe o recibo por saldo de contas, que lhe entreguei, dizendo-lhe:

— Agora que já estou pago, peço-lhe que guarde todo esse ouro como uma lembrança da sua bondade para commigo, e não fallemos mais n'isto.

E abracei-o, derramando muitas lagrimas de alegria.

Além d'este presente feito ao velho, tambem fiz outros a sua filha e nora.

Dentro em poucos dias arranjei os meus ne-

gocios, tomando cincoenta mil libras em letras sobre Londres. Escrevi ao meu socio agradecendo-lhe quanto havia feito para melhorar e engrandecer a minha plantação, e remetti-lhe um valioso presente de peças de fazendas de diversas qualidades fabricadas em Inglaterra e Flandres; e fiz igual presente aos filhos dos meus commissarios, a quem ordenei que mandassem para Lisboa annualmente as contas e o meu rendimento ao velho capitão, e na falta d'elle a seu filho, que ficavam encarregados de m'o remetterem para Londres.

Depois auctorisei o capitão a dirigir os meus negocios do Brazil como entendesse, e estabeleci-lhe uma renda annual de dois contos de réis emquanto fosse vivo, e que por morte d'elle se dessem um conto de réis a seu filho e quinhentos mil réis á sua filha, a qual renda devia ser deduzida do rendimento vindo da minha propriedade do Brazil.

A minha posição tinha-se tornado invejavel: estava senhor de quasi cem mil libras em dinheiro, e de uma propriedade no Brazil, que me rendia perto de dez mil libras, além de uma ilha bastante grande, que podia colonisar.

Na vespera da minha partida para Londres despedi-me do meu honrado amigo capitão e seus filhos, que choravam como se perdessem um membro da familia. Aquelle pobre velho abraçou-me muitas vezes, dizendo-me com as lagrimas nos olhos, que me não tornaria a ver!

Saí de Lisboa muito impressionado com as provas de amizade que tinha recebido do capitão Coutinho e sua familia, e cheguei a Londres, acompanhado de *Sexta Feira*, no dia 20 de dezembro de 1688.

Grande foi o meu pasmo quando, tres dias depois da minha chegada a Londres, recebi uma carta escripta por Domingos, datada da minha ilha um anno depois d'ella ter sido abandonada por mim! Dizia ella:

«Snr. Robinson Crusoé

«Depois que saí e mais *Quarta Feira* da sua ilha, navegamos com tanta felicidade, que chegamos ao anoitecer do segundo dia á ilha de *Quarta Feira*, aonde encontrei os meus companheiros bastante desalentados pela miseria em que viviam, sendo nós bem recebidos tanto por elles como pelos selvagens, que já nos suppunham mortos.

«Contei-lhes o que nos succedera, e o fim para que alli voltavamos, e foi tal o contentamento dos meus compatriotas, que resolveram todos vir commigo, aceitando as condições escriptas por vossa mercê; dizendo-me *Quarta Feira* ao mesmo tempo que tambem queriam ir para a nossa ilha, a que eu fiquei chamando *Venturosa*, doze selvagens com suas mulheres e filhos, de sorte que vinhamos a ser vinte e um hespanhoes, cinco dos quaes já estavam casados com mulheres selvagens, e os que desejavam acompanhar *Quarta Feira*, fazendo ao todo sessenta e cinco pessoas.

«Não nos sendo possivel regressar logo á *Venturosa* por falta de canôas, tratamos de as arranjar; mas sobrevindo a estação das chuvas só conseguimos obter algumas no fim de quatro mezes, nas quaes se embarcaram parte dos meus compatriotas e alguns selvagens; e estes, depois do nosso desembarque na *Venturosa*, voltaram com *Quarta Feira* á sua ilha, e de lá trouxeram os que não poderam vir na primeira viagem. Isto foi em janeiro de 1687.

«Depois de estarmos todos na *Venturosa*, li as instrucções que vossa mercê me deixou, e fiz a distribuição das terras, dando maior quinhão aos casados; eu fiquei no castello com doze dos meus compatriotas, por ser ponto mais central e defensavel aos ataques dos selvagens, se por ventura nos viessem incommodar; e como a sua casa não chegava para tantos, augmentei-lhe o comprimento.

«Foi uma grande fortuna que vossa mercê nos deixasse o subterraneo tão abastecido de cereaes e outros comestiveis; servindo-nos de muito as cabras que encontramos na cerca do castello e em Valle de Paraizo. Sem as suas precauções teriamos passado bastantes necessidades, até que tivessem vindo as novas colheitas.

«Para todos terem cabanas trabalhamos muito até julho; mas fomos interrompidos nos nossos trabalhos pelo apparecimento de seis canôas de inimigos, das quaes desembarcaram trinta selvagens para fazerem um dos seus costumados festins de carne humana. Assim que os vi em terra armei os meus compatriotas, e com elles avancei sobre os selvagens, dando-lhes duas descargas, que mataram doze e feriram sete, fugindo os outros nas suas canôas. Nós tivemos dois feridos levemente. Os mortos foram enterrados profundamente. Dos selvagens feridos morreram depois tres, e os quatro restantes, quando estavam quasi curados, escaparam-se em uma das canôas que haviamos tomado aos inimigos, o que estimei, por ficar livre d'elles.

«Este acontecimento fez-me desconfiar que talvez tivessemos nova visita dos selvagens e em grande força; e por isso mandei armar uma trincheira na parte mais fraca da estacada e saliente a toda ella, para varejar com a artilheria os que de um e outro lado nos atacassem, e fiz-lhe um fôsso por fóra, a fim de a tornar mais forte. Concluida a trincheira, colloquei n'ella as tres peças de bronze, carregadas com pequenos seixos para fazer maior destroço no inimigo. Depois armei a minha gente, e dividi-a em tres esquadras, sendo duas dos meus compatriotas e uma dos selvagens de *Quarta Feira*; e ordenei a todos, grandes e pequenos, que se recolhessem ao castello assim que co-

nhecessem ter o inimigo chegado ás nossas praias.

«Os nossos trabalhos continuaram, mas um pouco em sobresalto, tendo sentinellas em alguns sitios mais elevados, para não sermos surprendidos se os selvagens desembarcassem em outros pontos da ilha.

«No 1.º de agosto, ao romper do dia, fui acordado por uma sentinella, que me participou avistar, ainda longe da praia, grande quantidade de canôas. Mandei logo avisar todos os colonos para que recolhessem ao castello; e no entanto fui dispondo as cousas de maneira que já estavamos quasi todos armados e promptos a entrar em combate, quando os inimigos chegavam á nossa praia. Eram quarenta canôas, nas quaes era provavel que viessem mais de duzentos guerreiros.

«Subi ao môrro e vi com o oculo que os selvagens iam desembarcando á proporção que as canôas tocavam na praia. Vinham todos armados de arcos e frechas, espadas de pau e massas, mostrando-se resolutos para o que tinham no intento. Depois de estarem em terra dividiram-se em bandos, que me pareceram dirigirem-se para o castello, talvez guiados pelos feridos fugitivos. Desci do môrro, guarneci a trincheira e colloquei os artilheiros nos seus postos, guardei seis homens para acudirem á parte mais fraca, distribuindo o resto da minha gente pela estacada externa para fazer fogo através d'ella e o mais a coberto possivel.

«Os selvagens, julgando mais facil de ser tomado o terreno em que estava a trincheira com as peças, por não ter estacas tão altas, avançaram atroando os ares com gritos horriveis, e assim que estiveram em posição de conhecerem que os esperavamos, dispararam-nos uma nuvem de frechas, umas a direito e outras para o ar, a fim de virem cair sobre nós dentro da estacada. Então dei o signal de *fogo*, e a artilheria, bem apontada, fez o seu officio: duas peças descarregaram sobre os bandos da direita e a outra nos da esquerda, recebendo o inimigo ao mesmo tempo uma descarga de toda a nossa espingardaria e das frechas dos selvagens de *Quarta Feira*.

«O troar da artilheria e da fuzilaria, retumbando nos valles, produziu eccos tão espantosos, que os selvagens, apavorados por elles e pelo destroço que tinham soffrido, fugiram em debandada para a praia, dando gritos medonhos, recebendo ainda duas descargas das nossas espingardas. Os selvagens iam tão atemorisados, que não esperavam uns pelos outros para se embarcarem; e como a nossa artilheria os alcançava, fizemos-lhes ainda alguns tiros com balas de ferro, que metteram duas canôas a pique.

«Saí então com duas esquadras em perseguição dos fugitivos, mas poucos matamos, porque ja se haviam afastado nas suas canôas. Para nos não succeder como da outra vez, não demos quartel a nenhum dos assaltantes, que perderam setenta e seis mortos e quinze canôas. Da nossa parte tivemos quatro feridos e um selvagem morto. O enterramento dos cadaveres durou dois dias, e foi feito em fôssos muito profundos, para o apodrecimento dos corpos não produzir alguma peste.

«Depois d'esta victoria ficamos mais tranquillos, pois estamos certos de que não tornaremos a ser atacados durante muito tempo.

«Passadas as chuvas veio aqui a chalupa de um navio inglez fazer aguada e pedir mantimentos, que lhe vendemos a troco de polvora e chumbo, de que tinhamos muita falta. Como os marinheiros me disseram que depois de irem á Jamaica voltavam para Inglaterra, pedi-lhes que me levassem esta carta para vossa mercê, e elles assim m'o prometteram. Oxalá que ella chegue ao seu destino, e o encontre de saude, para termos o gosto de o ver aqui.

«Não sou mais extenso, por falta de tempo.

«De vmc. creado fiel muito obrigado,

«Domingos Herrera.»

Agora, que já tenho noticias de Domingos, vou pôr os meus negocios em ordem, e em seguida preparar-me para voltar á minha ilha, e de lá ir visitar a fazenda que tenho na Bahia e abraçar o meu honrado socio e commissario.

FIM

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO